

**SEMINÁRIOS DA
CULTURA**



ATA DO SEMINÁRIO DA CULTURA - ESCUTAS DA SOCIEDADE CIVIL PARTE 2 – PNAB 2024 – GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS – FUNDO ESTADUAL DE CULTURA

Aos 11 (onze) dias do mês de junho de 2024, às 19:00, reuniram-se, de forma presencial e virtual no Cine Teatro Guarany, situado na Avenida Sete de Setembro, 1546, anexo Vila Ninita – Centro – Manaus/AM, CEP 69.005-141, conforme divulgação em rede social, lg @culturadoam publicada no dia 05/06/2024. A reunião de escuta do coletivo de Música teve como mediadores As Sras. Luciane Ituassu, Anne Paiva e o Sr. Thiago Hermido, para organização da ata gerada pela Inteligência Artificial, secretariando a reunião, Luiza Angélica Oliveira Guglielmini, com o auxílio de Mikael Nunes Brandão.

A equipe iniciou os trabalhos às 19:15h aguardando público online, sendo que no auditório, conta com 12 pessoas presentes. O trabalho iniciou com Thiago Hermido se apresentando, falando nominalmente a Equipe presente, fazendo um histórico do início dos trabalhos das agendas diárias de escuta. Relatou que a LPG, é uma política que é a nossa Secretaria já adota, inclusive, para as nossas construções, das nossas atividades, das nossas políticas públicas, tanto nos editais quanto nas outras atividades, que são realizadas, tais como os festivais, os festivais folclóricos e tudo mais. Hoje, a gente vai apresentar um pouco para vocês aqui, o que é a Política Nacional da Aldir Blanc, de uma maneira um pouco mais geral, porque esse é o nosso segundo momento de escuta, e não sei se aqui há alguém que teve a oportunidade de participar, mas sinalizamos que já realizamos uma escuta no final de maio, na qual a gente fez a construção do PAAR, documento onde a gente indicava mais ou menos a estrutura do que está sendo construído para o Estado do Amazonas, em relação à aplicação desse recurso. Aqui também existe um pouco desses valores, que vamos mostrar à vocês, e lá naquela conversa, a gente já teve um indicativo dessa divisão igualitária de valores, para todos as segmentos artísticos, e aqui também, vamos fazer essa escuta, para vocês indicarem o que seria a construção desse edital.

Hoje, a gente fala com a música, e a música, está contemplada dentro de um edital de multilinguagens, ou seja, com outras linguagens artísticas. Mas a divisão de valores, é igualitária em todos eles. Então, a ideia aqui, é a gente após essa breve explicação, possamos partir para algumas perguntas, que vão nos nortear para a construção desse edital, isto é, nortear o que é o objeto do edital, que tipo de editais vocês querem para a música, qual seria essa divisão de valores ideal. A ideia é falar um pouco de critérios de participação, critérios de avaliação, e sobre avaliadores.

Também aqui, a gente vai mostrar um pouquinho para vocês, um questionário básico, que foi utilizado no ano passado pela LPG, até para entender, porque em geral, não sabemos quantas pessoas participaram da Lei Paulo Gustavo no edital do ano passado, mas serve, para ilustrar mais ou menos, se o que nós realizamos lá atrás foi satisfatório. A intenção é saber o que vocês gostariam que mudasse, e aqueles que ainda não participaram, também podem indicar, para além do que temos, o que vocês acham que poderia também estar no documento dessas escutas. Isso serve como uma base para gente entender a ideia do que a classe quer para os seus editais, para que a gente faça uma minuta, devolva à vocês para uma consulta pública, e a partir daí a gente inicia os lançamentos desses editais.

Então, a nossa dinâmica vai começar dessa forma, e a partir das dúvidas que vocês tiverem, vocês levantam a mão, a gente tem o microfone que está correndo na plateia, ele vai até a pessoa, que deve tentar ser breve, objetivo, e se focar na pauta. Lembrando que a gente deve tentar ser mais produtivo, para não passarmos tanto tempo aqui, seguindo o roteiro de abrir sempre para 2 pessoas que estão na plateia, e 2 pessoas online, caso tenham essas pessoas online para falar. No entanto, caso não tenha gente, segue aqui na plateia e aí a cada pauta a gente vai abrindo para essas perguntas, e vocês vão tirando as dúvidas ou indicando as sugestões de vocês, Eu acho que é isso, e eu queria abrir aqui a fala pro nosso Conselheiro de Música do Estado do Amazonas que é o Menciús Melo, que hoje é o que tá representando a cadeira de música. (espera)

O Conselheiro está com problemas técnicos e assim que resolver vai se pronunciar.

Vou passar a palavra à Anne Paiva, que se apresenta e inicia sua fala. Quando o Thiago perguntou, eu não consegui ver as respostas de vocês direito, quem aqui já participou de algum edital daqui da Secretaria? Pode falar: - Tô aqui. E quem aqui é cadastrado no cadastro estadual de cultura? Enfim, só para saber, eu acho que a gente precisa de gente! Vamos falar um pouquinho sobre a PNAB, que é esse repasse de recursos, que vai ser realizado de forma anual, por 5 anos, pelo Governo Federal, para os governistas e para os Governos Municipais executarem projetos, no qual a quantidade de projetos junto à classe artística cultural é do seu ente federativo, a gente vai trabalhar com todo o Estado, e os Municípios vão trabalhar uma situação mais local, cada um dentro do seu município.

Vamos falar hoje, do Fomento Cultural, enfim, é que agora a gente consegue ter uma conversa para vocês refletirem, o que vocês acham que são as ações de fomento cultural, necessárias para o âmbito da música no Estado do Amazonas, nesse ano e nos próximos anos. Também se você estiverem com uma curiosidade e forem ler a PNAB, vocês vão ver que ela tem várias possibilidades de ações, pode seguir bolsas de pesquisa, bolsas de construção, manutenção e ampliação de ações, pode passar, com realizações de intercâmbio, manutenção de grupos, pode passar em bolsas, ainda, ações para formação de público, que a gente sabe que é alguns personagens da cadeia da cultura, E a economia criativa tem uma dificuldade em relação a isso,

pode passar e aí ela também traz algumas impossibilidades não se pode pagar, por exemplo, folha de pessoal.

Mas quando eu falo pessoal, é o servidor público de Estado, ela é destinada, especificamente, para fazer as ações junto à sociedade, é isso que a PNAB fala. E aí, falando um pouquinho sobre os valores, é interessante a gente ressaltar que a PNAB, para destinação direta, para a cadeia da cultura e economia criativa, a gente tem 77 % do valor destinado para ações de fomento cultural, que são os editais de fomento cultural, que como eu falei, pode ser bolsa. Enfim, de outro tipo de manutenção, não precisa ser a realização de um projeto cultural, e ainda são recursos da cultura viva, não sei se algum de vocês, já ouviu falar na lei cultura viva, ela foi uma ação realizada nas décadas passadas pelo Governo Federal, houve repasses aqui para o Estado, mas ela deu uma paralisação, e o Governo Federal agora tá tentando levantar esse projeto novamente.

Então, vocês vão ver que a gente tem 2 ações, é da lei cultura viva, que são a criação de pontos de cultura, e a criação e manutenção, e criação, realização de projetos de ponto de cultura, essas ações também vão ser realizadas por meio de editais, eu acho que se a gente for falar sobre, a gente vai ter reuniões específicas sobre pontos e pontos de cultura, mas a diferença, talvez mais gritante pra vocês, seja que, para você concorrer pros editais de pontos e pontos de cultura, vai ser necessário ter um CNPJ, e realizar ações de modo contínuo, junto com a sociedade em que você tá inserido, e ele tem que ser uma associação ou uma outra organização da sociedade civil, sem fins lucrativos pode passar, enquanto nos outros editais, não os editais normais, de fomento cultural, não se exige, assim, tipo de organização, apenas pode concorrer como uma associação, mas também pode concorrer com uma pessoa física, só pra pessoa. É claro, pode passar e aí a gente pega esse valor do fomento cultural, acho que é interessante a gente também saber, a gente perguntar quem já concorreu nos editais da LPG? Porque a estrutura do edital, ela vai ser bem parecida, você vai apresentar um projeto, você vai ter o seu projeto analisado, dado uma nota, depois disso vai ser analisada a sua documentação.

É que antigamente a gente olhava a documentação antes, e depois analisava o projeto. Mas isso foi investido no decreto federal de fomento de 2023, e a gente usa essa estrutura nova agora, e se essa documentação tiver OK. Mas anteriormente, você já tivesse sido também, tido seu projeto aprovado, com uma boa nota uma vez, estabiliza sua documentação, você já vai assinar o termo e pronto já vai receber os recursos e iniciar o seu projeto cultural.

Eu posso dizer que há classificação, ela vem na fase de análise de projeto, anteriormente, e depois a gente analisa a documentação de quem estiver classificado, só uma alteração do procedimento, eu acho que também é interessante a gente falar. Nesse momento, que a lei Aldir Blanc, a Política Nacional da Aldir Blanc, como a lei Paulo Gustavo, ela traz a obrigatoriedade de cotas, e aí a gente tem uma reserva de vagas pra pessoas negras, pessoas indígenas, e pessoas PCD's, e já estamos

conversando em algumas outras reuniões, sobre a possibilidade de até aumentar. Se as pessoas se beneficiarem das cotas, pode passar à outra questão interessante, sobre por exemplo, aquela reserva de um recurso específico para a realização de ações em áreas periféricas. Existe uma discussão, quais são as áreas periféricas do Estado, dentro de cada município, sobre quais seriam as áreas periféricas para aplicar essa necessidade da Lei pode passar, e ainda sobre a questão de Acessibilidade, já na LPG.

Agora, vai ser uma política contínua, todos os projetos vão precisar de ações de Acessibilidade, e essas ações de Acessibilidade, elas estão realizadas tanto pela contratação de um profissional que seja PCD, quando adaptação dos fatos físicos para receber pessoas PCD's, e até mesmo a utilização de libras, utilização de legendas, isso também é considerado, são essas ações de Acessibilidade. Estamos falando sobre toda essa parte inicial da lei, eu pergunto: "- Alguém já tem alguma dúvida ou podemos seguir? (Sem manifestação). Então está bom, agora a gente pode falar sobre os modelos de editais utilizados aqui pelo Governo do Estado.

Thiago – São específicos, o primeiro que nós realizamos, foi com a própria Aldir Blanc, na primeira Aldir Blanc de 2020, que foi por linguagem artística, que é algo que a gente tem feito, e reproduzir também na LPG no passado a gente divide o recurso inteiro por um quantitativo x de linguagem artística, e aí cada uma tem um valor específico pra aplicar na sua área. A gente também já realizou esse módulo de projeto que foi um Amazonas criativo, a gente não fez um edital de linguagem artística a gente fez uma linguagem de módulos, como por exemplo, festivais, exposições, e mostras, formação, economia criativa, circulação, pesquisa, e aí todas as áreas se inscreviam nesses módulos, para participar. E aí, a gente fez também um outro modelo de edital, que é um modelo do Equipa Cultura, em que nós não temos nem móveis artísticos e nem módulos financeiros, temos um recurso único.

Esse recurso único, tem um valor mínimo e um valor máximo, e você apresenta o seu projeto com o valor que você acha que acredita, que ele se projeta e como que ele deve ser executado, ou que tipo de projeto ele é! E aí a gente vai classificando esses projetos, e assim, com recurso final, a gente tem um número de projetos contemplados. Esse é um tipo de edital, que também foi realizado pelo Governo Federal, e acho que de 2011 e até 2014, que eram microprojetos da Amazônia Legal. Então, eu ia lá, escrever um projeto, de 7 projetos de 50, uma outra escrevia de 60, e de acordo com a necessidade de seu projeto, isso evita que vocês tenham que adaptar os seus projetos aos módulos financeiros que a gente determina, o que você determina de forma coletiva aqui. Então a gente trabalha e tem trabalhado esses 3 modelos de editais, e pra gente, acho que a primeira pergunta que a gente faz aqui pra vocês da música, dentro da linguagem da música: "- Qual é a melhor forma de modelo digital que vocês acham que contempla vocês? A gente deu esses 3, né? Mas a gente pode pensar de outras formas, como por exemplo, o povo negro decidiu que eles iam ficar com um valor mínimo de R\$25.000 e um valor máximo de R\$100.000,

2 módulos. Porém, os valores de R\$ 25.000, seriam para projetos de pequeno e médio porte, e o valor de R\$ 100.000 seriam para projetos de grande porte, festivais, mostras ou coisas maiores, e eles decidiram por essa modalidade financeira de projetos. Já os representantes do hip hop, por exemplo, escolheram um valor mínimo e um valor máximo mais livre.

Temos um exemplo de um projeto, que a pessoa solicitou uma Câmera, porque ela queria fazer vídeos para ir divulgando as ações da dança no Estado do Amazonas. Ela pegou uma nota baixa, e ela ficou chateada, mas por que, ela não estava em consonância com o objeto do edital, se ela tivesse pedido talvez um mínimo ou algum equipamento de dança específico, talvez a pontuação dela teria sido maior, porque a experiência dela, que era o que o nosso edital pedia, era o seguinte, aquele primeiro Equipa Cultura, ele surgiu para justamente colaborar com aquelas pessoas, que no período da pandemia tiveram que vender os seus equipamentos.

Então, ele veio meio que para ajudar, a galera que não tinha mais condição financeira de comprar os seus equipamentos, de retomar isso, tanto que a gente falava que era assim, você que já trabalha na área específica, pedindo um equipamento, solicitando um equipamento, para você dar continuidade ao que você trabalha, que foi interrompido por conta da pandemia, e não pra você criar novos projetos, ou um novo projeto a partir daquele reput.

Então, assim, pensar também o modelo e o objeto do edital, é muito importante! Então, um projeto que é R\$ 100.000, de repente. Ah! É uma oficina de um único dia numa comunidade, aí lógico, né? Isso vai passar por uma avaliação, e talvez uma pontuação seja tão grande para um valor, ou você ter que descrever no seu orçamento, de fato, você vai utilizar aqueles R\$100.000 em uma oficina. Então, é legal também, que a gente pense, que vocês pensem, qual é o objeto do edital, e esses módulos financeiros consonantes, como também, pensar o que vocês querem para os projetos. Então, a nossa primeira pergunta seria essa: “- Qual seria o modelo de edital que vocês acreditam que seja o importante para a classe?”.

Passamos aos questionamentos:

- Olá! Boa noite, aqui é Jôsi Carvalho, eu estou aqui como presidente da associação amazonense dos profissionais da cultura, e artista, inclusive hoje, com alguns dos integrantes aqui, né? Façam barulho aí, que a gente quer ouvir. Mas aí, pra gente falar sobre edital, eu creio que essa questão, de nós termos um edital mais pelo mérito do projeto, de acordo com a necessidade, ele vai, ele consegue atender mais, porque às vezes, tem alguém que consegue fazer, de repente, uma apresentação musical com R\$10.000 e um outro, me consegue algo mais elaborado com R\$ 250.000 e por aí vai. Então, ter essa variação é importante, né? E até chegar esse modo, de repente, um valor mais alto para projeto mais robusto, onde possa até agregar mais cantores, inclusive, eu tenho orientado eles, porque a maioria desses artistas vieram de dentro das igrejas, e às vezes, o portfólio, eles têm uns 20 anos já que estão produzindo,

que a maioria dos artistas produzem música autoral, coisa que às vezes não circula, a gente não vê, né? Hoje a gente está com um programa na TV chamado “Programa playlist”, que a gente grava todas as segundas e exibe nos sábados, então toda semana, são pelo menos 22 bandas que se apresentam, e outros artistas que apresentam música autoral de excelente qualidade, né? Pena que eles não estavam antes, aderindo aqui, mas eu creio que vai ser um momento importante.

No entanto, a minha preocupação como gestora, não é e até mesmo como avaliadora disso, se eu tivesse atuado com vocês, como que eles seriam avaliados com o seu portfólio, porque até então, eram músicos que estavam mais restritos ao ambiente da igreja, em um evento promovido pela igreja, e agora, a gente pensa em ocupar espaço ou da cultura, não só com evento religioso, mas um evento cultural com a inscrição ou com a música gospel, né?! Então, nesse caso aí, que vocês falaram também, sobre de repente, eu não sei se eu entendi errado, mas de inserir como tem casos aí, do movimento árvore que vocês falaram, né? O hip hop né? Se de repente, pudesse inserir também, aí avaliar a possibilidade de inserir também, esses artistas que gostam, porque eles têm uma desvantagem muito grande, em relação a outro artista secular em função desse portfólio, na hora de uma avaliação, aí eu gostaria de deixar aqui, essa possibilidade de avaliar esses artistas de outra forma.

- Marquinhos Negritude: Atitude de ter trazido para o encontro as pessoas aqui, que precisam de ter ciência do movimento da música, as pessoas que até então, estavam ali atrás, mas tem que estar aqui na frente, porque tem condições de estar aqui na frente de certas pessoas. Aqui sim, ainda mais na zona leste, pra zona leste, eu sou da zona leste! Sim, o maior orgulho! E eu preciso discordar de você também.

Eu fui estudar! Tá olhando para mim, você fala bem assim: “ – Pô, esse cara aí já é um velho, e é relativo, né? Porque eu fui estudar, eu imaginei que tinha uma formação legal, né? Passei no vestibular em 1986, já faz tempo pra caramba, e vivia pensando, eu imaginei que eu soubesse alguma coisa de cultura, e fazer outra coisa agora que eu posso ficar aqui, participar, eu vi que eu tinha que aprender! E nessa de estudar, você específica aqui no tema quando a LPG abriu o propósito de fomentar e aquecer a cadeia produtiva, ali de artistas da cidade, é quando abriu assim 3 projetos por que poderiam ser beneficiados. Logo depois, outros tantos que foram beneficiados por não ter atendido de forma geral, e o negócio ficou maior, e ficou muita gente, mais alegre do que deveria, do que iriam ficar, entendeu? Então, o quê que eu vejo, independente, de qualquer coisa, o valor para o segmento de música, ele deve ser apresentado. E a partir disso, é fazer esse trabalho divisório. Nós vamos, falou que R\$ 10.000, dá pra fazer uma apresentação musical, pois é! Mas, assim, pra fazer, tá é relativo, ter um pouco de show, tem isso, tem aquilo, tem várias cidades, dá pra fazer, é o artista, ele é crítico ativo, ele tem de criar, ele tem que se virar. Então pode ser o mínimo, pode ser o máximo, uma opção a outra, o objetivo do projeto, a qualidade, robustez do projeto, o que ele vai trazer de volta para nossa sociedade?! O que eu fiz, eu tenho certeza, que ele vai trazer muita coisa! Eu fiz a história do Largo

de São Sebastião algo inédito, e foi e é inédito, não é mais porque já está lançado. Então essas coisas, tem que ser apreciadas, sim! E esse módulo financeiro, de objetivo linguagem artística, para o nosso caso, as que não, as que deveriam ser no formato que foi a LPG, com valores específicos, ali tá, e claro, que esse objeto do projeto, ele vai estar ali dentro, entrando como uma ferramenta de avaliação, porque é isso que vai fazer, que às vezes, se coloca um projeto de R\$ 10.000 no projeto.

R\$10.000 que eu, avaliador, ele sabe, o artista, ele não pode ser ou ter atitude interesseira, ele tem que ter atitude interessante. A gente precisa ser interessante para que possa ser contemplado. Então, a minha sugestão, é que seja o módulo que o financeiro tá mínimo, conforme foi Paulo Gustavo. A Maria daquela medida ali, pediu uma desculpa que a gente realmente não falou, o valor da multa é R\$ 1.500, e tá aí dentro desse R\$ 1.000.000 em R\$ 500.000.000, R\$ 500.000, então aí, eles precisam entender, que é módulo financeiro a sua proposta. Assim a gente precisaria estabelecer o mínimo e o máximo, para a gente possa saber quantos projetos a gente alcança. O alcance é isso, e também tem a sugestão de quantidade e qualidade, às vezes, atende muitos projetos e não estão tão robustos, e às vezes, tem menos tem mais setor, então essa situação que tem que ser avaliada, e essa avaliação, ela vai ali ó, segunda parte, que é a parte de avaliação do conteúdo.

Thiago – Então, a gente faz valores maiores, né? Mas esses valores maiores, eles na verdade, alcançam um número muito grande de pessoas também, né? Então, projeto às vezes, R\$ 10.000, de fato, tu vais conseguir ali, 12 pessoas, às vezes, um valor de 100, 150 vai contemplar 50, 100 pessoas então vai da gestão do projeto, né?

1.500.000 – Ah! Tá melhor, é porque assim, é também, vou na questão do módulo financeiro, a questão é, eu acho é, dependendo da necessidade, entendeu? Porque eu, fico condenado na pauta da Paulo Gustavo ano passado, né? E o dinheiro, sabe esse ano, e muita coisa que a gente tinha planejado do ano passado, esse ano já era. Outra coisa, outras coisas que a gente não colocou no projeto, e aí quando eu achava... Meu nome é Jorge Dias! Tá bom, boto nada. Então, quando chega na hora, aparece coisas que a gente não pensou no projeto, e que a gente queria fazer, gostaria de fazer, né? E eu queria fazer um show, um show grande, eu não queria fazer um show com R\$ 30.000, eu não queria fazer um show pequeno. Mas eu pensava que R\$ 30.000, quer dizer, eu pensava não, né? Eu tinha quase certeza, que ia ser complicado, porque eu faço um trabalho de teatro também, e sei o valor que que a gente gasta numa produção maior. Se não atentar pra isso, só se for fazer no meio da rua, que no meio, o aluguel de espaço, né?

Thiago – O ideal sempre é, que a gente pense esses recursos a curto, médio e longo prazo, né? Porque vamos pensar assim: - Ah! Esse ano, de repente, é interessante que a gente, como você falou: - Ah! É um pessoal que tá chegando agora, que não tinha formação, então, talvez esse ano, esse recurso, ele vá todo pra formação, ou esse ano, a gente foca realmente, só em projetos, né? Atividades fins não vai na atividade meio dos projetos de formação, capacitação, ou não vão ser só em espaços

de artes, culturais, voltados pra música, casas de show. Tem de poder contemplar tudo isso também, e vocês pensarem isso de forma a curto, médio, e longo prazo, né? Entendendo que esse, é um recurso que agora, é de 2024, e vai até 2027. Vamos ao on-line, pode botar na tela André Duran, nosso conselheiro de dança. Pode falar André!

André Duran – Thiago, Dra. Anne, boa noite a todos! É importante ter nesse mês já, aula, realmente com a sociedade civil, e a gente nota que esse diálogo, ele também perpassa, junto a linguagem da música, e as outras linguagens que compõem a música, e os notórios saberes, que também fazem a música, e utilizam instrumentos para desenvolver essa parte musical, dentro dos 62 municípios que compõem o Estado do Amazonas, incluindo a cidade de Manaus. É interessante lembrar, sobre essa questão do módulo financeiro, eu concordo com os outros fazedores que estão presentes, se pensar realmente esse módulo e destrinchar ele, possa contemplar todos os fazedores de música. Dentro dos municípios do Amazonas, eu gostaria de sugerir dentro desse módulo linguagem, artistas.

Eu até, vou encaminhar para vocês aí, na mensagem, mesmo como sugestão, no modo de linguagem artística Tiago, para que estão presentes, a gente tem que ver também uma vertente da música chamada bandas, marcial e fanfarras, que ainda é, são trabalhadas dentro dos municípios do Amazonas, e aí no modo a linguagem artística, gostaria de sugerir que os identitários, eles podem contemplar essas bandas e fanfarras em 3 categorias técnicas, as bandas de percussão, a fanfarra simples e a banda marcial. Isso é importante dentro da LPG que a gente não viu, né?

É essas sinalizações, mas dentro das conferências municipais nos municípios, que a gente teve, foi elencado essa parte sobre as bandas e fanfarras, dentro deste município, mas a gente vê alguns Estados do Brasil, trabalhando a LPG junto as bandas de funcionários, e as bandas marciais, e eu gostaria de sugerir, que hoje dentro da PNAB do Amazonas, e até sobre, falando ainda sobre a sobra das outras linguagens, pra gente pensar se desses editais, Tiago.

E seria interessante, a gente dialogar com a Claro, ainda bem que a gente tem o Menciús aí, o conselheiro de música eleito, para ver essa questão, realmente das fanfarras, que atuam dentro do Estado, e das bandas marciais que ainda desenvolvem esse trabalho dentro da escola, e são trabalhos voltados ao resgate a parte familiar, a confecção de instrumentos, que é importante, a manutenção desses espaços. Então, essa é minha contribuição, fica as horas eu já coloquei lá, na caixinha lá, de sugestão, eu me chamo André Duran, estive como secretário geral do Conselho do Estado do Amazonas de Cultura, e hoje eu represento a cadeira de dança dentro do conselho, fico à disposição.

Thiago passa a palavra.

- Boa noite, Rosane Teixeira da r ponto final, eu trabalho, não, não sou daqui, vocês vão perceber, tá? Mas eu tenho uma produtora aqui há 5 anos, já de Manaus, e moro aqui em algumas ocasiões da minha vida, amo esse Estado, e amo a cultura, que esse Estado representa, não ao país inteiro, mas no mundo inteiro, né? Hoje, a gente está com os olhos voltados para cá, com muita razão, né? E por vários motivos, bons e ruins. Mas assim, sobre os editais, não é na primeira linha. Nós tínhamos um aspecto bastante importante, que incluía para a gente produzir, a provar alguns projetos, e incluir quanto mais participantes na cadeia criativa, melhor! Claro, que isso envolve custo, né? Um custo que acrescenta bastante, porque é um, é algo invisível, as pessoas não enxergam quem trabalha atrás do palco, né? O trabalho, composição de shows, na maioria das vezes, então, eu tenho uns eventos grandes que eu produzo, a gente faz "O rock não tem idade" acontecer, e acontece há 5 anos já, aqui em Manaus, é um evento grande, né? Atrai público em palco aberto para, até 12.000 pessoas no Largo de São Sebastião.

E esse trabalho, esse projeto, ele envolve uma cadeia de trabalhadores enorme! Porque eu tenho que ter toda a segurança que envolve um palco público, eu tenho que ter assistente de palco, de camarim, que a gente traz as atrações de fora, né? Para fazer isso, são pessoas que eu não posso deixar soltos, não, tenho é além dos assistentes de palco, tem segurança, eu tenho os bombeiros, eu tenho uma série de coisas, para trazer tudo isso, no meu primeiro edital, que foi contemplado, foi levado em consideração, tinha pontuação maiores para quem tinha uma equipe que envolvesse até mais de 13 participantes, se não me engano, na equipe de produção. Isso é uma coisa valorosa, tá? E realmente agrega valor ao projeto, não só é custo, por isso a questão do módulo financeiro ali, eu acho que ela não tem que ser livre, porque tu não consegues dimensionar o quanto tu vais pagar.

E, por exemplo, tudo tem que ajustar o teu projeto dentro de faixas de remuneração, que tu não pensou, porque às vezes, tu não encontra profissionais que se encontram lá, é, que se encontram disponíveis ao preço que tu pode pagar, por causa do módulo, ou, às vezes, tu faz um projeto, e este projeto, fica entre um módulo e outro, e aí você vai ter que adequar aquele valor, entendeu? E aí estão muito mais fáceis, se tu tiver lá, um mínimo e um máximo, realmente, né? Onde tu possa dizer, óh, o meu projeto, ele vai custar tanto, porque eu apurei orçamento, está aqui meu orçamento, né? Esse profissional vai me cobrar tanto, porque ele só quer do edital, ele vai querer um bom dinheiro, vai querer pra participar, e eu vou poder colocar no meu projeto. E a viabilidade financeira, vai ser feita entre o mínimo e o máximo, né?

Então, ele vai ser aí assim, o mérito, vai entrar na questão, porque com relação à viabilidade financeira, os avaliadores vão verificar o que eu estou propondo fazer, quem eu estou procurando agregar no meu projeto, para poder trazer e movimentar a cadeia criativa, né? E aí sim, dizer olha esse projeto tem conteúdo, e tem sustentação para poder acontecer, né? E que sim, pode acontecer projetos aí, que sejam pequenos na música, no caso a gente consegue fazer bons projetos também,

com R\$ 10.000, mas com R\$ 10.000 são projetos pequenos, tá? Então vai ter projetos monstruosos que envolvem muita gente, e projetos pequenos que podem envolver apenas um músico, 2 músicos, 3 produtores, né? E a partir de trabalho externo, que tem que fazer, que seria um designer e tal. Pô, tudo isso tem preço, dá pra fazer com pesos reais, mas não vai ser um grande espetáculo, tá? É assim, como eu tenho outras produtoras, outros produtores que trabalham com grandes eventos, com grandes produções, que realmente precisam desse espaço, de dimensão para poder trazer um valor de projeto adequado para isso, né? A outra coisa é, que é importante também, que nessa situação, da gente ter um espaço livre, de dimensionamento financeiro de um projeto, é que com isso, né?

Como existe uma liberdade, que tu, tem de achar o valor do teu projeto, em terminar menos de menos, é menos custo financeiro, para poder produzir, e dessa forma R\$ 1.000.000 e meio, pode ser redistribuído, para poder trazer mais gente agregada do que pode ser, que não seja mais fácil aprovar projeto menores, mas coerentes, né? E alguns projetos grandes, e ainda assim sobre recursos, agora os módulos divididos em módulos financeiros, mesmo de faixa financeiras, aqueles projetos vão ser aprovados naqueles valores, não sobra recursos, às vezes, até falta, né? E deixa eu ver o que mais, uma questão na LPG que eu observei, no dos digitais, tanto estadual como municipal, é que exigia uma regionalidade, com relação dentro do projeto, né? Que o projeto tivesse voltado para o regional, e tinha uma pontuação extraordinária para regionais, e aliás eu acho que isso tinha que ser levado para outros caminhos também. É claro que a regionalidade é importantíssima!

E é daqui, que a gente faça produções com ela, o que a gente quer, é mostrar a cultura mais amazonense para fora, para que seja notícias em outros lugares, né? Mas existem muitos artistas na música, que não trabalham com a região, né? Então, a única regionalidade que se tem, é mostrar o próprio trabalho dentro do Estado, que já é uma exigência desses editais da Paulo Gustavo quanto aos recursos usados, sejam usados com recursos daqui, do Estado ou do município, né? Sem trazer pessoas de fora, para não evadir recurso, né?

Então eu acho que já é importante a regionalidade da pessoa, estar fazendo um outro gênero de música, isso não ser um ponto a menos para ele, né? Não se avaliar da questão regional como valorizar um projeto, que é na verdade, com relação à saída da Paulo Gustavo, que era uma lei emergencial, e já excluía várias pessoas, né? Então espero que agora na Aldir Blanc 2, isso não seja muito relevante, e seja relevante o que é importante, mas não extremamente relevante, porque isso excluiu muitas pessoas nos projetos, tá? E acho que é isso, obrigada.

Olha, você está sendo muito, porque a gente tem um chão ainda, né? Tem muita coisa para ver, mas já que já falta justamente os critérios, eu queria abordar 4 pontos rapidamente, aqui está, deixa eu ficar aqui, porque dá para ficar de boa. Eu sou Lauren, sou produtora cultural, e também sou, estou hoje, como conselheira municipal de cultura, pela cadeira de música. Lá no cultura também representa a todos, vocês

aqui é o primeiro ponto, é a questão de fazer os projetos pequenos, é que o artista, ele não consegue furar a bolha. Então se a gente fizer um estudo de mercado, o público não consome os nossos artistas, porque não conhecem. Então, a gente realmente precisa de ir em projetos que causem impacto, e tenha alcance de público. Então a gente precisa furar essa bolha, e a minha proposta é de 40 % dessa verba para música, seja destinada a festivais! Daria mais ou menos 4 projetos grandes de R\$ 150.000 e por quê? Porque vocês sabem que aí, o segundo ponto, o custo de profissão. Hoje ele é muito diferente do que era, assim, anos atrás ou a 10 anos atrás. Hoje você vê pela planilha da Paulo Gustavo, nós tínhamos ali, verba para assessoria de imprensa, para internet, social media, designer, Hoje você não consegue, alcançar a divulgação do seu trabalho como artista, ou da sua produção, se você não tiver uma equipe, um suporte, para poder fazer divulgação, e aí é como o próprio Thiago falou, às vezes, você fazer um festival, por exemplo, gospel, vocês empata muito mais pessoas, e coloca mais artistas no mesmo palco, mobiliza muito mais pessoas, do que deixar, perdão, do que se está ali, 5 projetos de 10, 15 mil reais.

Talvez fique na mesma bolha, e não impacte a cidade, e eu acho que tá na hora da gente pensar nos editais, como uma oportunidade de legado, como foi o “Valores da Terra”, antigamente, então aí, é onde eu falo o terceiro ponto, já emendando, eu tô tentando ser, tenho história de telinha aqui, é a valorização do trabalho autoral, quando a gente fala em Valores da Terra, a gente fala de um projeto, que realmente conhece o Valor da Terra na década de 90, eu era uma moleca na década de 90, e estudava aqui no Objetivo. Eu ia na Bemol, a gente tinha espaço de CD, né? Nas músicas, e ali você entrava, dava de encontro com a gôndola dos CD's dos artistas de Manaus. Eu tinha o quê, 14 anos de idade, e foi assim que eu conheci o Serginho Queiroz, foi assim que eu conheci o Pacato Plutão, foi assim que eu conheci vários, é... bandas, artistas de Manaus, porque a gente tinha contato físico com o produto cultural deles, entendeu?

Então, é isso que a gente tem que procurar fazer, impacto! E é legado, e principalmente, valorização dos trabalhos autorais, porque a gente vê ainda muito artista cover tocando em barzinho, e nada muda na vida deles, porque eles tocam ali, Legião Urbana, ou um sambinha, ou um pagode, e a mesma coisa. Nada contra, não é sobre isso, tá? Não é sobre isso, porque é também importante, tá? Mas eu estou falando, que a gente tem que criar um hábito, de valorizar o trabalho autoral, porque o trabalho autoral é o que conta quem somos nós, por meio da arte, tá? E aí pra finalizar, assim 4 tuítes aqui, é pra gente poder fazer isso. Ficou muito claro, que os editais demandaram muitas produções, e agora a gente vem num edital. A primeira, o divã, que a lei foi praticamente digital, em Lives, e aí tudo bem, mas hoje em dia se você procurar um espaço público para fazer um show, você não encontra.

O Teatro Amazonas então, já era, tá cheio de evento corporativo, com todo respeito aos nossos amigos da SEC, mas você não encontra a data, porque a construtora tal tá com uma pauta lá, porque, né? Não vou entrar nesse mérito, porque talvez estaria

ali pagando aluguel, e, isso ajuda a capitalizar também o equipamento público, não é sobre isso, mas é que a gente também precisa preparar os espaços, para poder receber a demanda desses projetos, porque é difícil hoje.

Você procura uma data no Teatro, você não encontra, você procura uma data no Studio 5 ano que vem, só tem data para ano que vem, já não temos para esse ano! Por certo, a gente precisa de lugares, que realmente sejam acessíveis para as pessoas, e tudo mais. Então, a minha proposta, é essa, é que a gente coloque 40 % para os festivais, para gente poder realmente dar um impacto em um legado, e os outros 60% aí, nos demais projetos, os médios os pequenos. Mas assim, que a gente realmente possa, é apostar em circulação, porque também aí, só para finalizar o quinto tuíte, a gente não vê os nossos artistas rodando nosso Estado, e quando rodam, são sempre os mesmos artistas, e cantando música nacional. A gente não vê artista autoral, rodando o nosso Estado nas festas das prefeituras, nas festas do interior, e a gente precisa criar uma maneira, de poder distribuir isso por meio da SEC, que tem também essa parceria com as prefeituras. Eu não sei, como é que a gente pode fazer isso no edital, mas fica aqui a reflexão. É isso, obrigada.

Jôsi – Oi,oi, nossa conselheira municipal, falou né, e eu concordo, né? Aí, só pra ver, fazer uma correção, né? Quando eu mencionei os 10 né, foi só um exemplo, né? Até porque, eu sei que é um valor realmente muito pequeno. Enfim, mas penso que ainda, né, já que nós estamos falando de um projeto continuado, a política continuada que é isso daí, faz com que os novos agentes ou novos artistas, comecem a ser inseridos, e comece a ter também, a sua experiência de estar aprovando projetos. Acontece também, é dessa forma que eu acredito, que vai ser mais exigido, né? Para pegar um valor mais alto, então vai inibir que esses agentes novos, venham a ingressar. Então eu acho importante, pensar assim, no mínimo para que esses novos, possam tomar posse.

Você falou de projetos pequenos e médios, de um valor inicial, e daí seguir para os tetos maiores, que aí podemos escrever festival, já que a gente está falando que é de acordo com a proporção, né? O que vai ser de fato ali, a pessoa vai ter a necessidade de acordo com a sua necessidade. Então eu acho que cabe dentro disso, vai ser se surgirem vários festivais. Eu acho que festival é bem caro, é uns R\$ 250.000 no mínimo, porque houve a humanização, que cresceu depois da pandemia, o valor da humanização cresceu muito, menos os cachês dos artistas que eu não sei porque que não sobe, né? O que menos sobe é os cachês dos artistas! Isso é complicado, mas fora isso, eu continuo defendendo aí esse módulo financeiro, mas desde que a gente tenha o mínimo, eu proponho pelo menos o mínimo de R\$ 30.000 e aí segue para cima, tá bom? Obrigada.

Anne - Em relação às políticas afirmativas, gostaria de saber como ficarão as questões das cotas em todos os editais da PNAB, mesmo existindo editais específicos para povos indígenas, povo negros, será disponibilizado vagas para esses segmentos em outros editais? Os demais serão iguais em relação aos artistas? Porquê 25 % do

recurso total, deve ser destinado para pessoas negras, e 10 % para pessoas indígenas. Essa questão, inclusive, está sendo debatida nessas reuniões que foi debatida também na primeira leva de reuniões, no final de maio, de que a gente deveria elevar. A porcentagem de cotas para pessoas indígenas, também igualar para pessoas negras, considerando a especificidade de nosso Estado, né, que tem um percentual elevadíssimo em cima de pessoas indígenas. Então, não seria os 25% indígenas a 25% negros e 5% para pessoas PCD's. Essa porcentagem, ela vai ser dividida entre o recurso todo, destinado para as ações de fomento, então esse recurso, ele vai ser considerado dentro dos seus editais específicos, de pessoa negra, de pessoa indígena, mas também dentro das cotas, é o cálculo que é feito, ele é feito utilizando se as cotas, e todos os editais. Mas as vagas destinadas dentro dos editais específicos, se isso totaliza a porcentagem mínima, necessária. É agora a gente pode abrir para o Pedro Cacheado, por favor.

2 perguntas aí do YouTube são muito importantes né, a gente precisa entender como esse cálculo é feito porque a gente está vendo, que essas porcentagens elas já vão consumir uma certa parte do recurso, né? O que exclui de certa forma, uma parte da população, que não é, que não está inserido nesses recortes, e aí eu queria assim corroborar com a fala da Lauren, eu acho que é muito importante a gente comentar os festivais aqui, que há muitos anos os festivais de música não acontecem por conta da falta de recursos, né? E a gente sabe que aqui, as leis de incentivo ainda está sendo, elas engatinham ainda, e também eu queria que a gente tentasse focar para ver que tipo de informação a classe, já que estamos aqui com alguns representantes, que a gente pudesse falar a respeito, de que tipo de formação seria interessante fazer, e o que que elevaria a categoria, porque a gente já há muito tempo, já tem os cursos já, os cursos de música, eles já existem, muitos! Né? Os cursos da prática técnica laboral do Musicista, mas aí a gente entra nessa caminhada PNAB, são 5 anos, que seria o quê que fortificaria esse crescer da classe, com relação a um tempo, resumindo as falas que eu ia fazer. Então, acho que é bem proativo ela que tá aí presente, nesse sentido, e é isso, vai ser essa a minha contribuição, tá bom? Boa noite a todos, obrigado.

Lairton - Boa noite! Representando a música nacional, em nome da maravilhosa relação, ao qual se tem projetos autorais, a indenização dos artistas, segundo o aplicativo, uma pontuação para artista que seja maior, corais, e tem projetos autorais também. Dessa pontuação dele, ao controle direto, onde coloque notícias do Amazonas, também de propostas. Então, Waldir, na verdade, outra coisa, simplesmente ao público cultural que agora também conta, também, com muita gente, muitos novos não conhece os artistas. Infelizmente quando vai se fazer inscrição no Ministério público federal, e se ela não gosta de projetos autorais nisso, montam no município um intercâmbio cultural somente com eles, ser artista, da nossa visão, nossa Amazônia. Então, falo das palavras da minha relação a simples festivais, os principais, sabe, o que é um pouco mais calmo, é muito orçamento, é muito importante, principalmente à música autoral do Amazonas, é autoral, não é

condensado no padrinho, é rock, é boi, é tudo importante. E outra coisa, nós estivemos também falando em Brasília, mas é que estão confundindo, graças a Deus, e não somente um, mas é tudo habilitação do Amazonas, voltando aqui para o que fatura Amazon com artista, que tem restrições em Manaus, pois é uma cúpula que é a fonte, de que é realizada no seu bairro em Nova Olinda do Norte, aí não pode ser o mesmo valor, exatamente isso, que foi aprovado na quarta, confessa é claro, que de repente, for aqui na região metropolitana, isso mesmo, Paulinho. Mas é outro valor em relação as regiões mais distantes. Quanto a nossa música brasileira, contribui aqui, com a valorização de artistas do Amazonas, onde não houve uma flutuação maior, ficando como se fossem projetos que tenham artistas.

Marquinhos Negritude - Aproveitar a palavra da zona leste, aqui fala zona leste, de todos para dizer, que eu vou falar uma coisa, mas eu preciso que a Dra., o Sr. Thiago, é, usem isso lá na parte administrativa, porque esse aqui, desses aqui, não tiverem 2 anos comprovados, eu não vou fazer o cadastro na SEC, como trabalhador da cultura, é uma coisa totalmente fora de qualquer tipo de discussão, por quê que eu estou falando isso, ano passado, graças a Deus e a muitas coisas, eu fiz um show no Teatro Amazonas, autoral, com 12 músicas autorais e com a banda 100 % amazônica. E muitos deles, quase todos já vividos, de caminhada e tal, não tinha o portfólio, não tinha nada, eu fiz de quase todos, na hora de escrever, os profissionais que escrevem partitura, que fazem arranjos e faz aquilo, e pediram lá, no meu cantinho, lá, comprovação de que esse cara colocasse. Há 10 anos, ele mudou uma foto dele lá, do tempo. Então, é muito difícil isso acontecer, e hoje tem muita gente que não tem esse portfólio, que não seja preparado para concorrer com o Jorge, vocês com a nossa conselheira da zona leste.

Comigo isso é uma parede que precisa ser discutido, tá? Para que esse jovem aqui, que não tem portfólio, que não tem comprovação de 2 anos de atuação, mas só que toca na igreja desde menino, ele não vai participar, ele vai perder de cara, ele já sai, porque ele não vai ficar escrito, tá? E só para finalizar com relação ao autoral, é preciso sim, mas a busca autoral, não precisa ser lembrada só em linhas digitais, não, quem tem que lembrar da busca autoral, do artista local, para não falar a palavra que eu ia falar, que ela voltou aqui, quem precisa reconhecer é o Estado, é o município, são as pessoas que se incomodam porque é inadmissível, eu sou daqui, porque eu sou insatisfeito, eu queria estar em casa, fazendo o meu negócio, brincando com cachorro, mas eu estou insatisfeito.

Eu ia falar outra palavra, insatisfeito, sabe por quê? Porque a minha vida toda produzindo música, eu tenho uma profissão, eu sou comerciante e tal, aí, não sou não, eu era, eu sou artista, eu tenho sim, um trabalho autoral, grande, forte, robusto, mas nem um aqui da sala, cantam a música do Martini, porque não escutou, se puxar a primeira, vai até o final da zona leste, aqui principalmente, que é a independência da igreja, mas sabe, que lá tem a escola de samba, chamada A Grande Família, vários sambas campeões, vários sambas que estouraram no Brasil, e não foram 12 músicas

autorais, músicas que para o Teatro Amazonas, que fala do rio Negro, que fala do Largo de São Sebastião, que fala de Manaus, que fala do que é nosso, um monte de coisa, e faz isso, eu vou para a abertura de convenção, e que pena! Chego lá, lá no palco, fala o cantor bacana, e cantando o Zé Ramalho! Pô velho, qual é? Levantei e fui embora. Falei: “- Esse aqui não é meu lugar!”

Não vou embora, porque eu sou insatisfeito, e eu não quero usar nada de incentivo cultural, de Lei Paulo Gustavo, de Aldir Blanc, para outro fim que não seja, divulgar a minha arte, o que eu gosto de fazer, que é usar autoral. Eu sei tocar outras coisas, mas na rua, você me viu raramente, tocando música dos outros, só vou tocar só a minha música. Isso foi uma causa, o motivo de estar aqui, para chegar e falar para vocês, que a gente não pode desistir dos sonhos, de lutar! Outra coisa, minha conselheira, eu conheço o Serginho, estudou comigo na faculdade, conheço o registro de todos, estudaram comigo lá na educação artística, pedagogia, tudo isso lá.

E mudaram a gente tá? Numa era totalmente digital. Então, o que funcionou lá atrás, eu tenho certeza absoluta, que não vai funcionar hoje, se o Estado não chegar e voltar ao município, falei assim, eu vou chegar com a minha arte, vou fazer um festival gigante, usando verba do orçamento que eu fiz ano passado, uma briga! Vou pedir que a Assembleia faça uma busca, no segundo papel não sei quantos milhões aqui, e aí você vai, fala de festival. Isso, então, eu continuo insatisfeito, talvez acabe aqui hoje, a minha carreira artística, mas eu não tenho medo, não, só porque o artista, ele não morre, eu tô eternizado, quando vocês puderem, vão lá e vejam umas 15 edições, eu faço uma busca, mas fiquei uns de estúdio, e vocês vão ver, se vale a pena ou não, se valer, você pode lá, ter um direito também. Posso me danar, mas não, se eu tô falando que eu componho, é possível, eu só tô chegando, dizendo assim, peguei na sua mão, e vamos juntos! Agora, ganhei tanta coisa, só que você conseguiu de cultura, diga lá, bem assim, cadê o PNAB do município? Cadê o Teatro, não tem, tinha, mas agora virou outra coisa lá. Então, tem que ter isso, desculpa se eu saí do tema, mas eu precisava falar.

Jorge Dias - Eu sinceramente, eu não gosto quando faz essa diferença entre a música amazonense e a música popular brasileira nós somos brasileiros não dá pra é fazer essa diferença! Eu faço aqui, no meu trabalho, inclusive no meu show, cantei várias músicas minhas, entendeu? Mas a gente fica aqui: - Ah! Amazonas! Amazonas! Amazonas! Amazonas! Amazonas! Em 1993, a gente era uma banda, chamado de Grupo. Nós fomos ao FECANI, fazer participação especial, fizemos 3 participações especiais, só com músicas autorais, entendeu? Só que esses autorais, rolou, mas não rolou, nenhuma rádio tocou. Qual é a música que ganhou o Festival que toca numa rádio? Nenhuma! Porque lá tem um estilo, que chama de estilo amazônico, e se você não fizer naquele estilo, não passa! Entendeu? Entendeu como é que é? Então, eu sou totalmente contra essa história, de diferenciar! E eu sou totalmente contra. E eu canto José Ramalho, canto minha música, se você for no meu canal do YouTube, é, tem música minha, tem música do fulano, tem música, só vou pegar do

Marquinho pra botar, a do Lucas se ele liberar, e toco Jorge, eu estou lá no meu canal, eu tenho um cantinho, instalado no meu canal no YouTube. Então esse é o Jorge, eu sou totalmente contra esse tipo de coisa, porque isso diminui a gente, isso diminui a gente em relação aos outros artistas, entendeu? Diminui muita gente, e esse negócio de festival cara, cada um faz o seu, cada um faz o seu, pronto! Coloca o seu projeto lá, passa, e vai lá e faz seu show, entendeu? Eu tinha 10 pessoas na minha produção, agora na Paulo Gustavo, com R\$ 30.000 eu tinha, entendeu? E eu tinha 12 músicos no palco, e eu fiz o meu show, se não vai aparecer pra Manaus, problema de Manaus! Mas eu fiz o meu, eu estou fazendo o meu, entendeu? E hoje, as coisas são completamente diferentes, é isso aqui, isso aqui é meu escritório, 24 horas entendeu?!

Thiago – Em algumas outras artes, que cantam sambas de outros artistas e tal, é também, a gente entra numa questão de direitos autorais, que a gente até comenta, né? É uma banda cover ganhando o recurso público, para tocar cover de uma banda, de uma outra, aí a gente vai entrar em outros méritos, é o que a gente pode de repente, tentar aqui estabelecer de fato, talvez, ou né, se vocês concordarem também, que a gente tentou isso ano passado, e não conseguimos. Vamos fazer então, que seja um recurso voltado para músicas autorais, de artistas autorais, ou a gente faz uma pontuação, pra aqueles artistas, que eu acho que a gente tem que tentar encontrar, na verdade, soluções, e não problematizar tanto, né? Eu acho que é isso colega, lembrando que a gente ainda tá na primeira, logo ainda temos bastante a avançar.

Vou me apresentar, sou Mirela Castro, eu faço parte de uma produtora chamada NS produções, tenho parceria com Wilson Soares que está aqui do meu lado, que faz parte do coquetel molotov underground, e a gente trabalha exclusivamente com esse gênero, underground na cidade de Manaus. Eu acredito que isso é uma palavra que talvez, é, nem todo mundo entenda, né? Nem todo mundo conheça, a gente tem subgêneros, dentro dessa classe que são, o que é o rock, a gente tem o gótico, a gente tem o heavy metal, a gente tem o punk rock, que também são bandas autorais, na cidade de Manaus. Então eu concordo com a Lauren, quando, ela diz que a gente precisa valorizar, sim, os nossos artistas autorais, porque a gente não tem só boi, não é sobre isso, aproveitando, tá? Mas não temos só, não temos só essas, que as pessoas já estão acostumadas a ouvir, entendeu? Nós temos sim, bandas autorais nesse gênero, que eu disse agora há pouco, que são autorais, e que são bandas muito boas, a gente tem bandas que já viajaram para outros locais, para outros Estados, porque aqui em Manaus, a gente não tem essa de furar de bolha, que a Lauren disse, que eu também acho muito importante, para colocar uma banda dessas em um Festival como Sou Manaus. Então, a gente necessita sim, fazer valer a pena os nossos autorais.

Mas eu acredito, que a gente necessita é educar o nosso público, né? O nosso público precisa ser educado, eles precisam entender que não existem só... Eu sou

apaixonada pelas bandas nacionais, mas a gente precisa entender que não existem só bandas autorais, não existe só o RPM, que vem pra cá, entendeu? Não existem só essas bandas, a gente tem muito conteúdo aqui na nossa cidade, e no nosso Estado, que precisa ser colocado lá em cima, e a gente não faz isso. Eu olho aqui pra sala, e eu fico muito triste, muito chateada, porque na parte de underground, eu só tenho pra reunir, o Wilson, porque os nossos amigos. Opa, me perdoem, é porque ela é produtora do uso, do uso, né? Me perdoe então, nós 3 porquê o restante, não consegue.

É, eu recebi uma mensagem hoje, eu mandei o flyer hoje, né? Que hoje teria a reunião, e muitas pessoas mandaram mensagem pra mim, dizendo assim: “- Mirela será que vale a pena?” Vale, vale a pena sim, vale a pena porque a gente tem Lauren, a gente tem imensos, então, a partir desse momento, sim, para mim, para ele mesmo, vale a pena, vale a pena a gente se fazer ouvir, vale a pena a gente se fazer presente, vale a pena a gente levantar a bandeira do autoral, e vale a pena sim, a gente estampar e dizer: “- Espera aí, Eu Sou Manaus ou Eu Sou Nacional?”

É desse jeito, e eu só queria ressaltar uma coisa, que o nosso amigo falou na questão de portfólio, nós estamos nesse âmbito cultural, digamos, né? Vamos colocar, estamos nessa vibe há 7 anos, eu e ele, e a gente não tem, a gente tem os nossos ciclos, a gente tem sim, né? A gente só não tem foto dos eventos, algo, aí já alguns, devido a gente que tem fotos, mas a maioria da gente, só tem flyers, e aí eu queria saber, como é que fica essa questão do portfólio, se essa questão vai ser uma questão, e se é, se vai ter algum impedimento, alguma coisa do tipo, assim.

Thiago - Nós realizamos, é como o cadastro da cultura, que é um cadastro que já está aberto desde 2020, né? Então, é um cadastro que você, entrando lá, você consegue comprovar de diversas formas, né? Não só dá, entendendo que a gente é uma Secretaria de Cultura e Economia Criativa, as pessoas já, não elas, não é só por meio de foto, pode ser um currículo, pode ser até, por exemplo, nota, né? Recibo, nota fiscal de eventos, ,que você participou, porque a gente tem muitas pessoas técnicas, né? Trabalham na área técnica, trabalham nos bastidores, pode ser declaração como a Joyce falou, também a gente aceita declaração de instituições, ou dos bares, dos lugares que vocês tocaram. Então, há diversas formas, e a gente tem aqui uma equipe que auxilia nesse cadastro, também eu acho, que muitos de vocês que participaram aqui, né? Sabem que existe um grupo na Secretaria, que colabora nessa inscrição de vocês, para que facilite. E aí, quando tá errado, a gente automaticamente já devolve, no WhatsApp de vocês, vai lá corrigir isso, corrige aquilo.

Anne - Estou dizendo que para seu portfólio, existem vários modelos, para serem realizados, e é apesar de ele não ser um entrave, para você entrar no cadastro estadual, ele é um item de avaliação dos editais. Então, às vezes, a pessoa, ela tem uma direção enorme de trabalho, porém ao elaborar o seu portfólio, que é o item de avaliação, talvez ela não vá conseguir botar ali, sua expertise. É tanto quanto uma outra pessoa, que talvez até tenha menos tempo de atuação, mas ela consiga botar,

se vender melhor, vender o seu peixe, elaborar de forma mais explicativa para o avaliador, por isso que é importante, que todos vocês, consigam elaborar o portfólio da forma mais ampla possível, só para finalizar.

Mirela – Obrigada! E eu queria saber, se é possível com esse módulo financeiro voltado para a música, a gente também agregar essa outra galera, que faz parte também do underground e movimenta muito a nossa cena cultural.

Thiago - Na verdade, esse recurso aí é em outra pauta, ou a gente está falando de música, mas vamos ter ainda reuniões de literatura, cultura popular, dança, circo, teatro, como eu falei mais cedo, né? O hip hop foi no sábado, foi sábado também o povo negro, então, a gente opta, porque a gente entende, pelo menos, a classe assim entendeu, né? Na primeira escuta que nós fizemos, e nós íamos dar continuidade a esses módulos divididos por linguagens artísticas, né? Então a gente meio que tenta trabalhar, não só a linguagem artística, arte, mas também a cultura de base, né? Por isso, que também a gente tem cultura popular, a gente tem povo negro, povos indígenas, tudo isso a gente vai discutir até sexta-feira, né? Hoje a gente está falando especificamente música, porém, desejo justamente, se até dentro da música a gente já tem uma ramificação gigantesca, também né, daí a gente estar aqui.

Estou aqui aprendendo muito, obrigada pela oportunidade, eu me chamo Kate, eu estou de camisa roxa, eu sou morena, minha descrição, né? Então eu sou da música, eu sou das artes plásticas, também, né? Dentro da solução das coisas, né? De trazer, estava na possibilidade de solucionar, é quando eu acho, que já foi, ele falou que quem é que depois de ganhar o Fecani, vai para rádio, né? Tipo assim, vocês que estão, é, na direção das coisas, haveria uma possibilidade de estudar isso, quem fosse os selecionados, quem fosse as pessoas que se apresentassem, haver uma forma de já ter um recurso entre você, e já lá em cima, para dar continuidade a essas pessoas, chegarem, sabe? Por exemplo, né? Lá na minha escola de artes, eu tenho uma escola de pintura, então, eu estou terminando uma exposição de pintura de arte, a dos meus alunos. Então, eles sabem que eles têm um prêmio, que vai ser concedido a eles. Eles são artistas amazônicos, que estão ajudando as obras deles, né? E eles têm tipo, mais exposição das obras pessoais deles na nossa escola de arte, já é um incentivo, pós a exposição que eles estão fazendo, né? E na minha continuidade lá, por exemplo, dando sugestões no período de 2 anos do meu artista, lá, a minha programação é de leva-los para fora do Brasil.

Então, eles sabem que a nossa escola de pintura, ela vai tomar continuidade no incentivo a projetá-los, né? E se não financeiramente, e de todas as formas, né? Então, quero aqui deixar uma sugestão, para que vocês estudem de alguma forma, para que aquele que ganhe esse edital, ele tenha um incentivo da parte de vocês, se é preciso pagar para estar nas áreas, que seja pago, entendeu? Sim, por acaso, né? O que precisar ser feito de alguma forma de incentivo, para que o artista continue, naquele que vai fluir da bolha, vai sair, né? Pequeno e médio porte, grande porte, que ele continue tendo mais incentivos, para que ele rompa e permaneça com seu nome,

né? Continue, dê continuidade ao trabalho dele, e outras ideias possam surgir em relação a essa problemática, que surgiu, né? Mas que possam ver mais outras.

Olá boa noite! Quero agradecer a oportunidade, fiquei feliz de ver a Lauren aqui, minha amiga, ajuda muito! A Isabelle e a produtora aqui, já fez alguns trabalhos para Isa, também junto com sua equipe. Então, a gente está e tem aqui a nossa presidente aqui também, do Movimento por Cristo. Eu quero, sou o pai da Isabelle, sou Mauro, antes eu era cantor, né? Hoje eu sou o pai empresário, né? Fica rotulado, agora o cantor Mauro não existe mais, agora é o pai da Isabelle, eu queria só é voltar um pouquinho, só, nesse assunto do autoral. É que existe ainda agora, a jovem aqui também, falou sobre porque a minha música não toca na rádio, ou porque a gente faz o festival, e aí dali, não tenha continuidade. Existe uma coisa chamada comércio, e a nossa música autoral, eu tenho certeza que ela é muito boa, é nossa, é aquilo que nós somos inspirados, para chegar e colocar para fora. Mas, nós temos que ter consciência, que nem todas as nossas músicas, elas se encaixam naquele ambiente. Então, uma das coisas é essa!

É, eu posso dar um exemplo até mesmo da Isabelle, pra gente lançar uma música da Isabelle, autoral, passa por uma pesquisa pelo menos de 5 ou 6 outros compositores, e outros produtores, pra que essa música, que ela pode encaixar em alguns lugares, eu vou falar isso aqui pra vocês, que as canções da Isabelle, está tocando em quase todas as rádios. Olha que legal! Tocou em quase todas as rádios em Manaus, em todos, e em vários lugares, porquê ela é do Amazonas!

A composição, tudo autoral, trabalho muito, foi feito com muita excelência, só que é preciso ter esse contato, esse conhecimento, o que eu vejo aqui em Manaus, Lauren, você me corrija, por favor, é que nós somos necessitados de produção, nós temos produtores, mas não temos uma produção excelente, porque qual é o produtor, aquele que pega sua música, você toca, ele faz a tua música de entrega, mas não há uma pesquisa, não há um acompanhamento. E então, essa, é uma das dificuldades, e é por isso, que os nossos artistas, também têm dificuldades em outros lugares, em ambientes que possa expandir, furar a bolha, como sempre a gente fala. E nossa Isabelle também, furando a bolha para o Brasil todo, ela é daqui de Manaus, mas está cantando fazendo show no Brasil todo, e também em Manaus. Então, só queria deixar isso aí, hoje, a Isabelle, tem mais de 5.000.000 de views, só em uma canção estourada, e 3 viralizadas, e não esqueçam, o nosso grande, a nossa grande vitrine, hoje se chama internet, você pode ser bom, ter produção, mas se você não tiver integrado nesse sistema, é difícil, viu? É difícil para mudar.

Thiago – Acho que é assim, a gente entende várias dores, a gente vem, entende vários desabafos, vamos dizer assim, né? Mas assim, a gente precisa entender o quê que é, e eu acho, que talvez não seja essa sala, o momento desse debate, e eu também acho, que não seja o Estado necessariamente, quem vai solucionar isso. É a classe! Sim, quem vai solucionar isso. A gente tem visto aqui, por exemplo, o audiovisual, a galera do futebol, movimentos muito bem organizados, e muito bem

estruturados, e quando chegam nessa sala aqui, sabem muito bem o que querem, de início, meio, fim. Então, acho que é uma coisa que é a Lauren como conselheira, o Menciús, como conselheiro de cultura, que isso seja um debate constante da classe musical, né? Para entender de fato, onde a gente encaixa essas várias, esses vários grupos, e essas várias necessidades, que a gente acabou de ver aqui.

A gente tem a ideia da música, que é um querendo, ou não acho, que acho, que a primeira pessoa, a primeira ideia, de quem produz música na cidade, tem que pensar que não é o Estado que tem que garantir isso. Mas é a população, eu preciso de alguém que me ouça, não adianta todo o recurso que eu vou botar na mesa, ou todo recurso ser dos festivais, se não tem ninguém aqui, ao meu ver, a Ivete Sangalo tá cancelando o show, mano, por falta de dinheiro. O que vai garantir, que uma classe que está em construção, em debate, vai garantir com R\$150.000 nos próximos 5 anos, uma evolução disso.

Então, quando a gente propõe para vocês, que a gente tem 5 anos de lei, de lei de PNAB, e a gente tem várias dores, talvez a gente possa pensar esse recurso para essas várias dores, para entender de que forma, a gente pode produzir melhor o nosso conteúdo, para entender essa parte de formação, para entender como a gente valoriza mais o autoral, pra gente entender como é melhor, a gente chegar nas rádios, a gente não viu ninguém propondo aqui, por exemplo, formas de difusão nesse conteúdo, se a gente está aqui não é, de repente, até veículos de comunicação, voltados para a música independente, para músicos autoral.

Então, há várias maneiras da gente tentar propor e fazer essa construção. Hoje, a gente tem aqui uma proposta de metodologia, né? Pra gente tentar chegar e ser edital. E eu entendo que talvez essa discussão, sejam demais aprofundadas, elas tenham que ir pra fóruns, para esses lugares de debates, para quando a gente estiver nesse momento aqui, você já sabe o que vocês querem, já sai porque que a gente tem que fazer, e como dividir, e no que investir, em quem investir em 2024, no que investir em 2025, no que investir em 2026, e assim por diante.

E aí nessa mesma pegada, também saber cobrar o Estado, saber cobrar o município, como um colega falou dos próprios festivais, né? E que eu acho, que eu tô aqui de passagem, né? Essa Secretaria existe desde 1997, né? Então, é uma política de continuidade, que precisa também ser recobrada de forma contínua, né? A gente está sendo cobrado aqui, como eu acredito que outros gestores também, no passado, foram cobrados. E a cada gestão, que o próximo que chegar, também vai ser cobrado, e a gente precisa fazer projetos estruturantes, para quando o próximo chegar, você já tenha o recurso, a estrutura, o plano estadual, o plano municipal de cultura, tudo estruturado, para quando o próximo chegar, saber dar continuidade ao que a classe já quer, né?

Então, eu imagino que a gente tenta entender aqui, se a gente consegue avançar nesse processo aqui, de entender esses módulos financeiros, temos R\$

1.000.500.000 para música, a Lauren fez uma proposição de 60% desse recurso para festivais, 40%, perdão! E os 60%, para demais.

A gente faz essa mesma lógica, voltada só para festivais, ou a gente faz aberto, livre, a gente chegou, por exemplo aqui, é um valor de 4 projetos de R\$150.000 e 18 projetos de R\$50.000, lembrando que a política do Estado, é 50% dos projetos na capital e 50% dos projetos no interior, entendendo que metade do Estado está na capital, metade se divide nos demais municípios, lembrando que também essa lei, também está disposta para todos os municípios do Estado do Amazonas, né? Então, esses editais, também! É querer entender se a gente consegue fechar esse módulo financeiro, a gente vai fechar, esse módulo financeiro em... (Thiago foi interposto por Anne).

Anne - Só lembrando que essas propostas, elas vão ser compiladas, quando a gente levar o edital para consultar pública, e aí na consulta pública, é que essa proposta vai ser fechada, tá com outras pessoas ali, daqui da sala, acho que as pessoas, a próxima gente, é quando eu... É perfeito a falar do Thiago, e a gente tem que entender o que ele falou aqui, isso precisa ficar muito claro pra gente, porque eu pedi a palavra justamente para isso, para dizer que aqui não é o momento da gente discutir rádio, etc, etc... Essas dores, claro que a gente está aqui para falar e tal, mas é que os editais, eles não vão resolver isso, há uma lei, né Marcela? Há uma lei, que um percentual, há uma cota de músicas locais para as rádios, só que isso não é fiscalizado, entendeu? Então, mais uma vez eu falei o custo hoje de produção, ele já não é mais de sonorização, de iluminação e etc.

Lauren - O cachê, ele também, é todo um plano de divulgação, só que aí quando eu digo assim, que a gente precisa desenvolver os nossos artistas para capacitação profissional, é justamente porque no caso dos artistas mais antigos, eles realmente não têm essa noção de alcance de mercado. O próprio Zezinho, antes de falecer a gente teve uma conversa, eu e ele. Eu falei: “- Zezinho quando é que a gente vai subir teus áudios para plataforma, meu amigo?”. Ele falou: “ – Poxa, vamos conversar sobre isso no início do ano que vem?”. E eu disse, ok, tá beleza, e não deu tempo. Ele pegou COVID e morreu!

Mas eu ia ajudar o Zezinho a subir, então assim, é só para resumir, a gente fechar, eu quero só ajudar vocês pro seguinte, existe um livro chamado estratégia de mediação cultural, para ação de público, do pós-doutor em sociologia de cultura, que é o Ney Wendel. E ele prestou consultoria para a Secretaria de Cultura da Bahia, e hoje se você for em Salvador, você anda pelas ruas da cidade, está tocando música baiana, prioritariamente! E se a gente não criar esse costume, do nosso público consumir sim, os nossos artistas autorais, por que que o boi bomba, o Tic-Tic-Tac, está até hoje, tocando no mundo inteiro, de internet inclusive, naquele tempo não tinha, mas tinha uma difusão! Ele foi para TV e etc... Ele tocava na rádio, se ouvia muito mais música amazonense, Raul Ney na Rádio Cidade, onde é que está isso dos anos 90? Sim, atualmente a realidade mudou, sobre isso, eu vou mandar

estratégias de mediação cultural para formação de público, e ele diz o seguinte, vou fechar o público, ele é conectado viu, Jorge?! Jorge, é importante ouvir isso, o público, ele se conecta ao produto cultural, ou seja, a tua música, faz o que, o artista faz a partir do seu contexto, com uma mediação, que reafirma o seu lugar, sua história, e sua cidadania, é uma conexão movida por um processo, inclusive, criativo, através de um conjunto de ações para criar vínculos, entre o público e os produtos culturais. É um veículo humano entre artistas e público, que produzem juntos, a cultura, ou seja, se os nossos artistas não produzirem o cotidiano, contextos e cidadania, e a gente criar realmente produtos culturais, o público não vai se vincular, só que pra gente, se a gente, não aproveitar recurso público para incentivar autoral, quem é que vai fazer isso?

A fábrica de eventos, não vai em um evento, não vai! É! As grandes empresas produtoras não vão, e aí, é outra cobrança, que a gente tem que fazer lá na frente, e eu convido vocês, a entrarem no grupo do fórum de música, que a gente está ressuscitando nesse fórum, a gente precisa voltar para os Festivais de Estado também, o Festival de Música do Amazonas. Reparou que o FECANI quase morreu? E já foi o maior festival de música autoral do Brasil, foi o Fecani. Gente! Para quem não sabe... Assim, só que tudo isso, e aí a gente vai ter que encerrar essa fala, porque precisa andar, porque a gente não vai resolver isso aqui, só queria convidá-los a fazer uma reflexão, vocês cruzaram com algum vereador em algum show de vocês? Ou com um deputado? Vocês sim, mas é porque vocês são do nicho gospel, vocês têm os políticos gospel, que aprovam vocês, aí tudo bem, porque vão pela fé.

Mas eu estou falando nas outras culturas, aqui vocês já viram algum vereador, algum deputado, cruzando aí no Teatro da Instalação, no Atêlier 23, no Gebes Medeiros?! Não! Porque os nossos políticos, não consomem a nossa cultura, você já vê os nossos políticos em Teatro Amazonas, em cinema amazonense, olhando o norte no Matapi! No show nosso em algum lugar, não! Não vão não, vocês vão encontrar eles balançado no pagode, outra coisa...

Mas, só quero dizer para vocês, que aproveitem essas eleições para votar, em quem defende a nossa cultura, porque eles não defendem. Eles não consomem, eles não vão saber quem é! Eles não vão saber quem é um Negritude, eles não vão saber porque eles não vão. Então, sim, a gente sempre primeiro, usa isso aqui, usa esse edital, para poder se fazer presente, para poder conquistar recursos, para poder fazer os nossos projetos, e aí sim, no fórum, a gente vai começar, a discutir essas políticas. E é isso, muito obrigado.

Luciane - Falta artes, tecnologia, pra gente fechar o módulo financeiro. Tivemos falas da gente, ter um percentual mínimo, um valor mínimo, um valor máximo, um valor livre. Então, é lembrando como a Dra. Anne já mencionou, temos as que vão ser levadas pra consulta pública, então também, não é nada fechado, mas aí nessa consulta pública, é que a classe deve ganhar essa força, pra fazer essa leitura e essa

contribuição. Mas, pra gente poder finalizar a pauta de financeiro, como é que aqui nos presentes, como é que a gente consegue classificar?

A gente trabalharia com valor mínimo, com valores livres gente, consegue voltar um valor mínimo, que vocês falam, são módulos de financeiros, né? Isso porque nós temos a sugestão, de deixar em valores livres, para as pessoas não precisarem se adaptar a esses processos, né? Aí para esse valor livre, a gente poderia só estabelecer um inicial, tipo por exemplo, quando a gente trabalhou no edital passado, aqui, a gente trabalhou com o valor livre, que é esquecido o nome dele aqui pra cultura em 2020, ele tinha valor mínimo de R\$25.000 e o valor máximo de R\$45.000 se não me engano, e a pessoa devia apresentar um orçamento que coubesse entre 25 e 45 mil, e o projeto dela, iria ser analisado também, conforme isso, se uma pessoa apresentou um projeto mínimo, pedindo R\$45.000, ela já ia receber uma nota menor, porque eu passei no valor alto pra ver, com execução muito baixa.

Mas, se ela pleitear assim, um projeto grande, de uma amplitude, é compatível com o orçamento de R\$45.000, já receberia uma nota maior, o que isso permite que a pessoa, talvez ela não precisa daquele valor específico, 45mil, ela precisa de 40 mil, pra realização dela. Então, ela só pede 40mil, são possibilidades! Mas, acho que a gente, pode levantar voto, não é? Vamos levantar a mão, que eu acho que acaba facilitando entre os presentes, quem acha que deveria ter valor livre, tá bom? Quem acha que deveria ser valores fixos, por módulo? Hã, não? Eu também fiquei aí, o que seria mínimo e máximo, de valor livre, eu penso que é a minha proposta.

Jôsi - pede a palavra apenas para reforçar que quer o mínimo de 30mil reais, e o máximo de 300mil reais.

Jorge – pede a palavra para reforçar que quer a proposta de 10mil reais e no máximo de 50mil reais.

Neto Simões - Eu queria falar, estão me ouvindo aí? Todo mundo? Quem é esse? Estamos na época agora, online, tá ok?! Ah! Brilhante! É, então fechando aí, a partir de valores, né? E eu queria falar rapidinho, só pra dar continuidade aqui. É a respeito de portfólio, para os mestres da cultura popular, é porque a gente está falando muito aqui, defendendo uma música amazônica, claro, né? Todo mundo defendendo a música amazônica, todas as letras da Amazônia, a gente fala muito sobre os mestres, inclusive, caprichoso e garantido, né? Só que quando chega na hora do edital, dos editais, eles não têm muita vez, ou pela falta de não ter portfólio, não tem como comprovar, é que eles são nesta cultura (oral), né? Que não tem fotos, não tem nada, não tem um recurso, o necessário, né?

Então, eu queria saber, o que vocês pretendem fazer, para dar vez e voz aos Mestres da Cultura? Para eles entrarem como proponentes dos editais, né? Assim, esse poderia botar, entrar na parte de cota (para idosos), ou como totalmente normal mesmo, mas desde que eles tenham vez, e que seja feito uma pesquisa entre eles,

para que eles possam, ter acesso também a essa verba, porque eu conheço vários que são do interior, e já fazem isso, sabe? Fazem isso há anos, que tem esse saber que é centenário, passado de pai para filho, de forma oral, e quando chega na página de editais, eles não estão contemplados.

Lairton – Participou da esculta por meio online, entretanto, seu microfone estava apresentando instabilidade e os participantes presencial conseguiram ouvi-lo claramente. Outra participante a pedir a palavra foi a Katiane de Itacoatiara, destacou a importância do FECANI para sua cidade, a proposta por ela apresentada foi sobre o valor mínimo dos recursos financeiros para cada projeto que é de R\$ 30.000,00 (Trinta mil reais), pois achou muito limitado o valor proposto anteriormente de R\$ 10.000,00 (Dez mil reais), usou como exemplo apesar da nova realidade possibilitada a partir do uso da INTERNET como espaço para divulgação e produção musical, entretanto, ainda é muito caro o investimento para a produção musical, neste sentido, sugeriu o valor dos recursos entre R\$ 20.000 e 30.000 reais para custear cada projeto, principalmente, os de Festivais, pois o Fecani é um bom exemplo para ser citado como um modelo de festival que dependeu muito do poder público e que os editais podem ajudar a criar uma nova lógica para a utilização dos recursos financeiros estaduais e municipais. Após a fala da Katiane, Lairton tentou participar novamente, entretanto, seu microfone voltou a falhar e a participante Louren sugeriu que ele escrevesse no chat suas sugestões que seria lida, depois destacou que a respeito do valor mínimo e máximo dos recursos financeiros destinados aos projetos seria interessante fazer um cálculo para procurar evitar que os recursos sejam destinados apenas para os grandes projetos em detrimento dos projetos menores. Louren propôs que a divisão dos recursos respeite a proporcionalidade de 50% para o interior e 50% para a capital e que ficassem da seguinte forma: 40% dos recursos para atender aos Festivais e 60% para a classe artística que seria subdivida em 30% para os artistas do interior e 30% para os da capital.

Jorge Dias – Afirmou que é contra a proposta que os recursos provenientes do PNAB atendam a realização de Festivais, pois entende que esses recursos devem ser usados para suprir as demandas dos artistas, que são diversas em todos os setores, como exemplo, ele citou a situação dos músicos e cantores.

Anne – Destacou que muitas das propostas apresentadas seus valores são menores que R\$ 25.000,00 e sempre sobram vagas, então, percebemos que é um valor não muito procurado pelos artistas, neste sentido, não seria interessante editais com valores mínimos tão baixos que o artista não vai conseguir realizar seu projeto. Para ela seria interessante pensar em projetos no valor de R\$ 150.000,00, pois a verba para o Amazonas é de R\$ 1.500.000,00.

Tiago – Esta proposta de valor mínimo de R\$ 100.000,00 e no máximo de R\$ 300.000,00, e as inscrições dos artistas sendo livres até atingir o valor de R\$ 1.500.000,00, pode ser que vários projetos que precisam de muito recursos sejam selecionados e os pequenos projetos fiquem de fora. É exatamente isso a gente vai

precisar entender, esses critérios vão ter que ser iguais para todos, tem que deixar claro como serão feitas as divisões dos valores, não tem como deixar livre os critérios para avaliação, por mais que seja muito bom avaliador se ele não conhecer a realidade do nosso estado ele não vai compreender o orçamento que você definir no seu projeto, por exemplo, eu não consigo com R\$ 150.000 fazer oficinas no interior do estado devido aos preços, também não consigo com este respectivo valor gravar um disco, isso vai do orçamento que vocês vão apresentar no projeto, para qual é teu nome desculpa assim me perdoe não tenho nada contra o universo gospel de maneira alguma, mas eu acredito que quando você fala em R\$ 300.000, né você está olhando realmente o universo gospel dessa maneira de ser é festival grande e a gente sabe que realmente no universo gospel os festivais eles são feitos eles são festivais grandes e né o valor ele é realmente muito alto né, então assim eu acredito, eu continuo com um pensamento de que vamos colocar lá a quantidade x né de projetos de mínimo e concordo com a Louren que a gente coloca os 4 projetos de R\$ 150.000, porque R\$150.000 ao nosso governo não estou falando na questão da proposta de R\$ 50.000 é livre, pois é só que essa questão de ser livre. Há valores que vocês apresentarem uma proposta para a Secretaria, posteriormente aí você já levantou cadê o cachê aqui na Secretaria de Cultura, tem 3 anos que a gente tem conseguido fazer uma solicitação entrar, mas antes disso não tinha entendeu? Eu fiz um festival ano passado é excelente e eu contratei muitos artistas de instrumentista a bailarino e conseguimos fazer um excelente evento, foram meses de trabalho entendeu? Então, a gente conseguiu contratar muita gente e ajudaria também, inclusive, na questão dos portfólios depende de outro artista aí e valorização do autoral vai depender de quem vai propor né e é claro que vai passar por avaliação, então, eles vão avaliar o histórico da pessoa, desse profissional, não vai ser entregue para qualquer pessoa, pelo menos assim seria se eu fosse avaliar estaria dentro dessa forma e lembrando que estaria livre, porque é proporcional que a pessoa pode necessitar naquele momento se ela consegue atender 25.000 ou menos 40, 50 e por aí vai dentro da necessidade da realidade dela.

Luciane – João e elas também fazem o registro aqui do representante do escritório do Ministério da cultura aqui no Amazonas e o nosso conselheiro Menciús que é o conselheiro da cadeira né importante o Pedro Cacheado desculpa a ordem né, mas considerando quem está como conselheiro da cadeira eu vou dar a palavra para eles em seguida o senhor fala.

Pedro Cacheado – Boa noite a todos eu estou acompanhando online estava trabalhando e assim que terminou o expediente eu corri para cá, mas estava acompanhando a discussão com problemas de fone e acompanhei cada detalhe aqui colocado e as explicações do Tiago da proposta da Loren né, a gente tem claramente hoje 11 cenas que se discute sua alta, seu alto valor uma cena que discute a sua existência no estado do Amazonas é a cena musical, que começa politicamente a se reorganizar novamente, mas nessa que não é a primeira reunião nós tivemos uma primeira em que a gente tirou vários encaminhamentos a níveis de edital, não sei, é

acho que a ata não conseguiu fazer esse resumo mas a gente reuniu no Sambódromo, fizemos as primeiras oitivas e tiramos propostas de avaliação em edital por avaliadores locais é mínimos de projeto atenção voltada para a produção autoral e editais simplificados do ponto de vista da burocracia para que a gente possa atender inúmeros artistas, que possam vir a concorrer né, uma atenção especial aos artistas do interior que tem uma dificuldade enorme de acessar a internet e a gente sabe que os editais pedem inúmeras certidões e eu fico pensando nós discutimos isso inclusive nos artistas que moram nas casas de rio, nos mestres fazedores de cultura porque não estão só concentrado em Manaus que concentra uma parte dessa produção, mas, uma grande parte dessa produção também está localizada no interior, então, essas reuniões que aconteceram no Sambódromo nós já delimitaram né isso já está documentado em ata, inclusive, a doutora Anne e a doutora Luciane e o Tiago acompanharam, então, essas propostas já estão encaminhadas e esse aqui é o segundo fórum que nós já tivemos um primeiro né, então, a cadeira de música, eu como conselheiro, sou muito claro e acho que a fala da Lauren como conselheira municipal, foi acertada demais, a cadeia musical do Amazonas precisa ser completa né e a rádio é um elo, o festival é um elo, a produção do álbum que hoje é digital é um elo, o estúdio de gravação é um elo e a gente tem que começar a criar esses elos e aproximá-los para poder emendá-los e o primeiro elo é o público, é a formação de público, não adianta não tem como, eu vim do projeto valores da Terra, meu primeiro álbum foi gravado, foi a única política cultural voltada para os artistas de Manaus da música, do teatro, da dança foi um projeto amplo foi extinto há 20 anos uma pena porque se tivesse continuado nós estaríamos discutindo outros patamares Josi, outras histórias como diria Caetano Veloso, outras palavras, a questão é que como disse, propriamente, Tiago na questão da dor de cada um de nós, é um projeto para 5 anos, são políticas culturais, que a gente vai manter e vai lutar para manter, agora é uma coisa antiga os artistas da música do Amazonas estão se levantando e o que fazem com a gente. Nós não vamos mais deixar acontecer, nós não somos um numeral, venho dizendo isso e repetindo isso, nós não somos 900, porque é um artista nacional e 900 artistas até a gente não tem cara, a gente não tem nome, a gente não tem estética, a gente não tem absolutamente nenhuma identidade, nós somos um numeral para forjar discursos políticos e isso é inaceitável, então, eu estou acompanhando. Boa noite, sendo a palavra ao meu conselheiro Pedro Cacheado, está presente e minha carreira associado eu vou direto na questão ai tá vocês estão me ouvindo então a minha sugestão, bom eu achei que a gente tinha votado é pelos prêmios com valores fixos não foi isso não conselheiro, foi levantado a sugestão de valores livres com valor mínimo e valor máximo, tá (?) porque eu fiz uma divisão aqui de 4 festivais de preferência festivais independentes não competitivos e livre de cunho não religioso, ou seja laicos, não competitivos é importante porque esse lance de se inscrever uma música fazer uma apresentação não faz com que a cadeia floresça né (?), então, os festivais independentes que contratam 10 a 12, 14 bandas para fazer uma amostra de música 10 prêmios de R\$30.000, prêmios de R\$40.000 e 4 prêmios de R\$50.000, eu acho que esses de 50 mil viabilizam a difusão e circulação, os de 10 e 40 eles também contemplam cursos e oficinas, bolsas etc. Os de 30 a produção,

gravação de disco e a finalização distribuição e acho que a gente estaria bem contemplado os projetos da capital e do interior, obrigada Conselheiro.

É o seguinte, pelo que nos está sendo entendido aqui, nós temos uma divergência tanto de opiniões quanto de sugestões quanto de entendimento e sobre essa seara, eu acredito que hoje a gente não consiga delimitar uma proposta fixa para ir para a consulta pública, então, com o momento mencionado mais cedo é interessante que vocês conversem como classe, busquem os seus conselheiros municipais e estadual, para eles trazerem essa devolutiva ou vocês mesmo podem encaminhar por e-mail, ou fazendo um protocolo na nossa Secretaria, trazendo essas sugestões porque como já foi dito, nós não conseguimos bater o martelo hoje aqui, tudo que está sendo discutido, tudo que está sendo proposto, vai para a consulta pública e é nesse momento que a classe precisa em peso se manifestar fazer o diálogo, entender as regras do edital para melhorá-lo, até mesmo partindo desse princípio a gente vai seguir para o outro tópico, consegue colocar o slide e aí sobre o objeto de do projeto e aí pode seguir para linguagem artística possibilidade de mais plágio então vamos lá aí só para participação né (?) e aí antes da gente entrar na participação só fazer um adendo, que a política nacional como maciçamente vem sendo falado ela é para 5 anos, já está entendido, então, é importante também a gente pensar uma reflexão que sempre a doutora Anne faz muitos demais segmentos é aonde esse segmento quer estar daqui há 5 anos, então, é importante pensar a informação, a capacitação e a gestão.

Anne – Aqui pede porque eles são os critérios que a gente já vem utilizando nos editais passados não é, mas, eu acho que para quem está iniciando talvez ou já tenha participado, por exemplo, dos municípios e agora participar dos editais do estado, que é um pouco parecido com o que está rolando agora como fala é interessante a gente lembrar quais são os nossos critérios primeiro, tem que ter residência no estado do Amazonas, então, é importante que a pessoa tenha, se for uma pessoa jurídica, ela seja localizada no estado, se for uma pessoa física, que ela tenha comprovante de residência dela no estado, se é uma associação tem que ser do estado, enfim, também não está aprendendo com a prestação de contas digitais anteriores realizado pelo estado, por exemplo, fui contemplado no edital da Aldir Blanc lá em 2020, mas, eu não prestei conta, eu estou inadimplente, então, a gente precisa resolver essa situação antes de pleitear isso, ainda estar no estado, e eu levanto isso porque a gente está com os editais da LPG sendo realizado né (?), os projetos da LPG e a gente tem 5 anos de PNAB, então, se você não prestar contas da forma correta no primeiro ano você vai ficar na inadimplência para anos seguintes e por isso que é importante a pessoa ficar atenta para isso. Além disso, você cadastrado no cadastro estadual de cultura com a documentação atualizada e quando eu falo documentação não é só o comprovante de residência, mas, após novas coisas na minha carreira artística e eu não atualizei meu portfólio é importante que a pessoa mantenha o portfólio atualizado lá no cadastro, porque se não o avaliador quando for analisar é dar uma nota porque isso que eles acabam fazendo dando uma nota para a pessoa

e para seu projeto, ele não vai conseguir ver as últimas ações que a pessoa realizou e não vai levar isso em conta, além disso, não pode ser servidores, colaboradores e estagiários da Secretaria de Cultura, nem da Agência de Cultura, não ser membro da comissão de seleção dos editais, não ser Conselheiro estadual de cultura e nem tá envolvido diretamente na etapa de proposição técnica da minuta de análise de propostas e julgamento de recursos, ou seja, não pode ser avaliador de edital e ser contemplado, também não pode participar e aí eu levanto uma pergunta para vocês em relação a ficha técnica, a gente no ano passado solicitou ficha técnica para fechar foi necessário que a pessoa fizesse uma carta de aceite porque acaba acontecendo de uma pessoa ter o nome dela é colocado numa ficha técnica de um projeto de terceiros e às vezes ela não gerencia essa aquilo e ela acaba não sendo chamada e por isso que a gente levantou a ficha técnica em questão e alguma outras áreas, quando a gente está tendo essas reuniões também estão levantando a possibilidade de ter uma porcentagem ou ter todos os membros da ficha técnica da proposta sendo cadastrado no cadastro estadual de cultura queria saber o que que vocês acham disso?

Jorge Dias – Bom, desculpa esqueci é sobre a ficha técnica né (?), eu não concordo que seja cadastrado no cadastro da Secretaria de Cultura porque tem muita gente que não vai lá se cadastrar mas é um bom profissional em faculdade na área e tudo entendeu (?), a outra coisa que entrou na ficha técnica não sei se na ficha técnica que atrapalhou muito, que atrapalha muito a tal da carta de anuência entendeu? O teste de uma passos aqui fez uma carta de anuência para participar do meu show e agora em agosto, por exemplo, eu vou fazer o projeto agora em agosto e abril editado, vou fazer o projeto, é de agosto o resultado vai sair ano que vem aí eu posso dizer assim eu vou na carta de anúncio para isso ele não vai dar entendeu (?) foi uma briga muito feia essa questão da carta de anuência foi muito difícil da gente conseguir os artistas cederem seus nomes, pois a maioria nem sabe se é ruim, digital, vendeu muito artista que trabalha numa noite aí não sabe entendeu (?) e aí foi muito complicado mas assim a ficha pede que ela minha pessoa né (?) independente de estar cadastrado ou não ela pode participar da ficha técnica.

Tiago – Voltar a carta de anuência é acho que quando a gente chegou na Secretaria um dos primeiros pleitos da classe artística foi tirar a carta de anuência e os nossos editais já não tinham carta de anuência quando foi em 2020 e principalmente no edital o Amazonas criativo em 2021 e por que que essa carta de anuência volta para a LPG no ano passado? Justamente porque a própria classe e eu lembro de algumas discussões aqui, não tão na música, mas nas outras linguagens, principalmente, eles pediram o retorno dessa carta de anuência porque o que estava acontecendo que pessoas usavam o currículo de outros profissionais, o nome de outros profissionais, botavam nos projetos né (?) e passavam porque contava com um pontuação né (?), e aí usavam outros profissionais na hora do trabalho e eu não estou falando, nós estamos falando recebemos muitas denúncias na Secretaria de Cultura, inclusive, recentemente na LPG pessoas que estão indo na Secretaria, que inclusive deram até

sua carta de anuência a pessoa falou que ia fazer o trabalho e chamou outra entendeu sendo que a gente já tinha colocado na LPG, que para você mudar né(?), as pessoas da sua equipe você teria que informar a gente, então, assim a gente entende que realmente e dependendo da ficha técnica que você coloca é realmente um pouco burocrático mas a gente até comentou que você só precisava indicar a carta de anuência para aqueles que você mencionava na ficha técnica que é justamente para não tornar algo tão complexo né(?), você ter que botar de todo mundo, entendeu(?), isso aconteceu comigo por exemplo tem ponto de cultura que botou o meu currículo como comunicador jornalista e eu não sou, eu soube anos depois trabalhamos no meio da Secretaria vendo lá que o meu nome estava lá no curriculum do Ponto de Cultura e eu nunca soube se ganhou recursos, eu nunca soube dessa história, então, é uma reflexão que a gente leva para vocês também, é como que isso pode se refletir dentro do meio porque foi uma demanda que chegou muito para gente de pessoas denunciando, que usaram o seu currículo, a gente também já tinha eliminado não usávamos mais de nossos editais a primeira Aldir Blanc não usou quem lembra, que participou da primeira, não tinha carta de anuência até pela dificuldade né(?), das pessoas por conta da pandemia né(?), mas, é uma reflexão que a gente joga, a gente também é traz esse ponto só pra vocês também terem ciência do motivo dela ter voltado para LPG tá bom. Aí rapidinho essa para Marcelo falar que ele tinha pedido a fala lá e aí a gente vai para vocês tá melhor agora, tá beleza sobre a ficha técnica ainda tem uma dificuldade às vezes, por exemplo, tem por aí um grande projeto, tá vai fazer um projeto convidando famosos da região claro né(?).

Muitas pessoas se quantificam a participar não a anuência a gente leva a carta tal eu convidei aí outro projeto convidou também já tem data todo mundo na mesma data e a pessoa vai em um ou outro ela não vai só que aquela pessoa está na minha ficha técnica e é uma personagem importante do meu projeto ela não vai estar lá como é que eu substituo isso e como é que eu não vou é ter anuência de alguém que nem está no projeto que eu vou ter que substituir a personagem né(?) como é que eu vou substituí-lo depois do projeto aprovado(?), isso é uma é uma dificuldade que tem também tá(?), embora que eu concorde que a carta de anuência seja importante, mas ela não pode ser um não é não, isso ela não pode ser, não pode ser predominante, não pode ser determinante para que eu obrigatória, o que me preocupa é que corre risco de acontecer ou não com certeza invalidar o projeto se a pessoa que está com a carta de anuência lá não estiver lá no palco, vai ser outro porque aquela pessoa da carta de anuência não pôde comparecer no dia eu tive que botar outra pessoa no lugar, daí eu não tenho a carta (?), você pode alterar, quem passou na LPG, pode alterar, pode ir lá e botar uma nova carta de anuência, e aí você puxa aprovado do projeto, pode fazer entendeu(?), pode fazer. E não na Aldir Blanc, também vai poder é uma coisa que vocês precisam, decidir e dá ciência, entendeu(?).

Mencius – Eu sempre acho que há um nível de exigência muito grande né(?), de burocracias muito grandes para você entrar né(?) no processo né(?), é eu lhe pergunto doutora não seria possível criar mecanismos de cobrança de exigência de

documentos a partir do momento que você passe no projeto(?), porque uma série de documentos podem ser cobrados depois né(?), eu vejo assim entendeu(?), por exemplo, a carta de anuência, se eu tô, se eu coloco aqui o rancho né(?) vai fazer parte do meu projeto então, ok! Passou! Agora traz a carta, o aceite de alguém, traz o documento dele dizendo que ele vai participar e uma série de outros documentos eu não sei se eu tô me fazendo entender?

Luciane – Ali profissional naquela ficha técnica aquele portfólio é vai tá valendo uma pontuação diferenciada então pra eu poder validar a participação dessa pessoa, vinculação desse profissional nesse projeto, eu preciso entender que aquele profissional tá me dando OK! Que ele está vinculado aquele projeto, então, a proposta da carta de anuência dentre tantas a principal seria confirmar pro corpo técnico, pro avaliador, que aquele profissional, que tá com seu nome vinculado àquele projeto, está ciente e concorda com aquela vinculação. Sobre a burocratização é também importante lembrar que a gente está lidando com recurso federal, então, é a gente trabalha com uma norma que vem do lá de cima alguns pontos a gente contém a exigência, a gente tem que alguns itens estão maleáveis, né(?), mas é a parte por exemplo com certidões, principalmente, sendo mais cedo são coisas que a gente não consegue tirar da legislação né(?), e a gente precisa observar mais sobre a carta de anuência, a principal segurança que ela passa para o avaliador porque como foi bem dito e como as denúncias, que tantas recebemos, principalmente, na LPG né(?), a pessoa colocou o nome lá da fulana de tal, o avaliador entendeu que aquela fulana de tal apresentou um portfólio legal, que dava uma pontuação diferenciada, mas, como é que ele vai ter a segurança, que aquela pessoa estava vinculada, então, ele precisa da carta de anuência e aí sobre a gente poder alterar esse profissional que lá na frente desistiu de participar do meu projeto ou se envolveu em outra agenda em compatibilizou com a minha porque eu não tinha um prazo é fechado né(?), sobre a execução do projeto, aí ele pediu ela trouxe essa possibilidade da alteração na mesma maneira que a pessoa te dá anuência ela também te dizer que ela também precisa te dizer que ela não quer mais participar ou então, que ela não tem mais condição de te atender e aí nesse momento que você apresenta pra gente a carta de desistência e a nova carta de anuência desse novo profissional que vai estar substituindo tá bom(?).

Tiago – É ele já desburocratizou muito a participação do artista nos editais, hoje para você participar de um edital, você não precisa mais, a primeira coisa que é avaliada é o projeto, depois que ele está pontuado, que ele está com escalonado lá, tudinho é que vem a parte documental, então, aí essa parte, é a parte das certidões já é quando ele é contemplado, então, assim já não tem tanto porque eu lembro realmente de editais, que já na entrada da pessoa ele já cobrava certidões e não sei o quê e várias coisas né(?), agora não, você entra e só precisa estar no cadastro da cultura, que é o documento básico como o comprovante de residência, Registro Geral e CPF né(?), o seu nome no portfólio passou direto pros editais, aí você se inscreve no edital, é pontuado aí quando você é pontado, é que a gente vai ver todas as outras normativas,

que são fixadas pelos editais e aí quando você passa é que é solicitado a certidão e uma certidão que a gente também já vem facilitando muito, principalmente, pra quem é do interior que antigamente o cara tinha que mandar por escrito pelo correio um negócio pra cá pra poder voltar pra ele, isso também já diminuiu bastante, então, assim já tem diminuído bastante e a gente espera que com esses novos marcos regulatórios da internet e dos fomentos a gente consiga diminuir ainda mais. Sobre a decisão de ter ou não carta de anuência nesse processo desse edital também é de vocês entendem, que a ficha técnica ela não é para contar ponto e aí vocês livremente possam colocar as pessoas sem cartas de anuência OK(?), também entendeu isso é uma coisa que vocês na verdade precisam decidir.

Luciane – Tô passado né(?) já é instituído por lei e esse prazo mínimo de 2 anos é a própria lei que traz essa redação, então, sobre esse prazo mínimo não nos cabe é diminuí-lo ou isentá-lo, a gente conseguir ter um prazo menor que isso é necessário que a gente mude a legislação aí já é um outro processo, é um outro tempo, e sobre a obrigatoriedade de utilizar o cadastro é porque a própria lei Paulo Gustavo quanto a própria PNAB ela traz essa orientação lá de cima do Ministério da Cultura para os estados para e os municípios e que a gente faça esse mapeamento, esse cadastramento dos artistas, até mesmo porque a gente precisa gerar dados, é como a gente consegue mais recursos mostrando o resultado e esse resultado ele vem de uma coleta de dados, então, o cadastro ele tem uma dessas funções a esse mapeamento e ele para o nosso estado Amazonas, ele serve como uma porta de entrada, então, todo proponente que vem a participar queira concorrer nos editais, obrigatoriamente, precisa ter o seu cadastro estadual habilitado, certo?

Jorge – Programa as urnas aí, eu vou colocar aí na minha ficha técnica, aí eu já tô jogando vantagem em cima de muita gente, eu tenho, eu tenho facilidade de pegar o Rodrigo, que é o maestro para parceiro. Então, quer dizer, ele já vai levar vantagem. Eu tenho uma filha que é formada em teatro e produção, e algo mais, eu vou colocar na minha ficha técnica, eu vou levar vantagem em cima de muita gente. A minha esposa é formada em arte, pela Universidade Federal do Amazonas, eu vou colocar ela na minha ficha técnica. Então se eu só vou colocar pessoas graduadas na minha ficha técnica, aí por exemplo, um currículo desse, vamos dizer tchau! E pensa se vale em ponto, eu estou dentro!

Luciane - O corpo técnico, se há necessidade de estar, é inserido numa ficha técnica, nessa inscrição, né?

Jorge - São vários pontos a serem analisados, por exemplo, assim eu vou fazer um show, vou fazer um show, e eu preciso de uma preparação vocal, né? E observe o meu projeto, dizendo isso, vou fazer um show para ele se dar uma preparação vocal, para os meus backs, entendeu? E aí eu vou colocar com ele, tudo bem, se há intenção, é que haja uma pontuação diferenciada, cada proponente vai usar as cartas que tem na manga, por exemplo, no teatro, né? Pessoal da dança, falou aí, né? No teatro, por exemplo, a minha filha é diretora e atriz, formada pela uefa, ela tem outro

mundo de amigos, que são formados, ele coloca só graduado, entendeu? Aí eu vou levar vantagem, quem não tem essa possibilidade, lembrando que esses problemas, isso é só uma ressalva, né? Não tô dizendo que a ficha técnica, ela também dependendo do critério, que vai ser utilizada, ela também vai ser avaliada, por essa pessoa, né? Quem faz a avaliação desses projetos, e aí a avaliação é dessa pessoa, essa pessoa, que vai entender ou grau de complexidade desse profissional, e a importância que ele tem pra aquele projeto, tá sobre esse jogo e sobre a relevância né? Porque normalmente no edital, e na Paulo Gustavo foi assim, que eu tava lendo ele agora, aqui fala sobre a importância, sobre como é que diz aqui a relevância artística do componente e da equipe, da equipe formada pela técnica, e aí caímos nisso, que ele falou, por exemplo, se eu tenho um trabalho que é inédito, que é um trabalho popular mesmo, e eu tenho uma equipe inteira, que não tem tanta relevância artística, porque nunca apareceu, mas o trabalho, a proposta é excelente, muito boa nesse quesito, a pessoa não vai ganhar 5 pontos, ela vai ganhar bônus, um, porque não tem relevância, e isso pode tirar uma vaga dela no edital sim, eu já perdi uma vaga sim, entendeu? Então é, eu acho que o critério principal, acho que é a ideia principal, é que os proponentes da área, os componentes da ficha técnica, não valem uma pontuação tão valorizada. Sim, pra não poder ser tão relevante no projeto, dá pra gente também não entender errado, a gente tá falando aqui de critérios de participação, a gente ainda vai entrar nos critérios de avaliação. Só tô completando o que ele falou, porque realmente, é a partir disso, que se nos critérios de participação aqui, está falando essa ficha técnica, ela é importante para esse critério de participação dos editais.

É isso que a gente está colocando, critério de avaliação, é o que vocês estão debatendo agora, é um ponto que a gente já vai chegar nele também, e lá, a gente vai poder falar, se vale ponto ou não, mas pelo que eu estou entendendo, você acha que não, né? Ou não tanto, não ou não tanto, né? Eu posso valorizar demais, concentrar o maestro juvenil que eu conheço, quando, se entrar, e eu estiver presente, eu tenho alguma relevância, mas não sou igual a ele, né? Eu não, esse é o espírito da ideia. Eu acho que, o que interessa realmente, é a ideia, é um projeto, exatamente, é um projeto. Se eu vou colocar o Manuel Carlos para dirigir, sabe? Isso é um outro detalhe, isso é problema meu aí.

Mencius - É, se eu chamo o Raimundinho do lado do Manaquiri para gravar isso, é um problema meu, isso não vai alterar em nada, eu acho que é originalidade. O Thiago dá ideia, a proposta, e a força da ideia, eu acho que é isso, que a gente tem que discutir, a criação enquanto arte. Quanto a proposta, esse realce técnico que me incomoda, e é isso que eu vim batendo como conselheiro de música, esse reality técnico pra mim, é um preciosismo desnecessário, que atravanca uma série de talentos, que não chegam aos editais, que não chegam recursos, porque eles não têm lastro, né? Para fazer dourar a pílula, para enfeitar o maracá, para enfeitar o maracá, para poder passar com o cortador de grama, onde, né? Ah! O projeto é uma boa reforma, o projeto é porque tá lá o João Raimundo formado na Sorbonne, um

formado não sei aonde, não gente, não é isso que interessa para arte amazonense. Hoje, o que interessa para a arte amazonense, é sobreviver, e se mostrar ao público. É isso que a gente precisa, eu estou querendo aqui fazer currículo acadêmico da arte, eu não quero montar uma escola de belas artes de pau, eu quero mostrar os artistas da música do Amazonas para os amazonenses, simples assim, verdade!

Luciane - Olha conselheiro, você está muito chique hoje, viu? Eu não consigo acompanhar esse francês. Vamos lá! Só para, acho, que só para a gente finalizar essa parte, do critério de participação, foi importante Thiago pontuar aqui pra gente, não se confundir critério de participação, com o critério de avaliação, quando a gente fala aqui da ficha técnica no critério de participação, é pra gente entender se essa ficha técnica, também vai ser analisada. Com essa ficha técnica, é preciso estar residindo no Estado do Amazonas, se com essa ficha técnica, pode ser um servidor da Secretaria, se pode ser um servidor da Agência, um estagiário, um colaborador da casa, se nessa ficha técnica, as pessoas que estão nela, precisam estar cadastradas no nosso cadastro estadual de cultura. É essa reflexão que esse tema exige agora, a avaliação, ela vem posterior a questão da pontuação, se é mais, se é menos, se é pouco, se nem tanto, mas para esse momento aqui, a reflexão é essa, é o critério de participação.

Da mesma forma que o proponente vai ser analisado, se ele tem condições para participar daquele edital, se ele traz alguma vedação, que está relacionada aqui por exemplo, se eu tenho um proponente que mora em Santa Catarina, ele está apto para participar do nosso edital, não está... Mas e se ele faz parte de uma ficha técnica, ele está apto para estar participando desse projeto, porque aqui vocês vão pensar, se essa ficha técnica precisa ser analisada dessa forma, como proponente, vai ser analisado ou não, se ela fica livre tudo bem, vamos passar o próximo slide.

Gente! Assim, não é que a gente não queira dar tempo pra gente dialogar, é porque a gente tem um horário e a gente precisa cumprir, mas lembrando, que vocês, precisam buscar os conselheiros de vocês, precisam se apresentar, dar ideia, trazer sugestões à Secretaria, e ao Fundo Estadual. A gente tá aqui justamente pra isso, tá pra ouvir durante o expediente, caso queira conversar, a gente vai estar disponível também. O próximo slide, é sobre avaliação, ano passado a gente trabalhou com uma comissão mista de avaliadores, né? Nessa comissão mista, ela era formada por 3 membros, um membro nacional, um membro do norte, e um membro do Amazonas. E aí, considerando, se eu tivesse é ausência de público em algum desses itens, os outros, e um remanejamento, por que que eu digo igual, ausência de público, porque quando a gente pensa, quando a gente pergunta, ali devem ser residentes, apenas do Norte. Os avaliadores devem ser residentes apenas do Amazonas, por que que a gente faz essas perguntas? Porque quando eu faço um credenciamento pra buscar esses avaliadores, e eu restrinjo, já vou jogar nessa parte do negativo, né?

Quando eu restrinjo uma população, um avaliador só do Amazonas, eu também tô restringindo essa pessoa, de participar do edital como proponente, porque hoje avalia

ou ele participa, e aí muitos da classe, muitas pessoas, que têm esse currículo, que tem essa técnica da avaliação voltada pra temática da música, às vezes, não querem fazer a avaliação, porque eles também têm o anseio de ter o seu projeto, ter essa concorrência de receber essa avaliação, né? Então, a nossa proposta, é que a gente trabalhe, tanto em âmbito nacional, quanto em âmbito de norte, a ideia dessa vez, é a gente tá trabalhando com 2 avaliadores, tanto pra fazer avaliação de projeto, quanto venha fazer alguma avaliação de recurso possível, à frente. Tudo bem? Temos uma pessoa lá atrás, fale seu nome, pode se identificar por favor.

- Pessoal, boa noite, meu nome é Manuel Passos, eu trabalho duro na área musical há mais de 40 anos, no Estado do Amazonas. Sou produtor cultural também, e também estou aqui representando a Academia Amazônica de Música, até aqui eu não tinha me manifestado, com relação a nenhum assunto que foi abordado, mas esse assunto que chama muito atenção, não só a partir desse edital de agora, mas de editais anteriores. Veja bem, uma coisa, eu fui uma das pessoas que durante as oitavas, tanto do Estado como do município, com relação ao edital Paulo Gustavo, e coloquei a seguinte opinião: “- Olha, eu não concordo, não concordo que sejam avaliadores só do Amazonas, não concordo sabe por quê? Veja bem, uma coisa ao meu ver, é eu não, o que eu colocar aqui, não é questão de qualidade de informação, absolutamente, não, de jeito nenhum, mas veja bem uma coisa, eu acho que um avaliador, tem que julgar o projeto, ele tem que ver a qualidade do projeto, e não favorecer determinados elementos, que às vezes, querem se locupletar em cima de algumas situações, como eu sei de histórias e mais histórias, que aconteceram aqui com relação a entreatos passados, eu sei que inclusive, aqui presente, tem algumas pessoas que vão divergir de mim, não tem problema nenhum, não tem problema.

Mas assim, se fizer realmente um processo de edital, aonde se tem avaliadores de lugares diferentes, pessoas qualificadas, logicamente, que o edital do Estado vai chamar qualquer pessoa, mas que tenha uma qualificação, para que ele possa vir a analisar o projeto. Eu tenho certeza absoluta do que eu estou falando, vejam bem com relação ao edital passado, da Lei Paulo Gustavo, coincidência ou não, muitas pessoas que eu conheço, convivo na área, para vocês muitas pessoas, conseguiram pela primeira vez, ganhar o edital da vida! E agora estão desenvolvendo seus projetos, a gente saiu daquele marasmo, saímos daquela coisa, de ser só edital direcionado a determinadas pessoas, determinados grupos, porque quem acompanhou muito bem, como meu acompanhei, as coisas ali no passado, era meu Deus, nítido, inclusive, tem situações, de algumas pessoas que ainda estão respondendo ao Ministério Público.

Se você não sabe disso, no Ministério Público, só pra vocês terem uma ideia, de como é que era a situação. Então, por exemplo, se eu vou concorrer ao edital, tá, juntamente aqui com o meu amigo Jorge Dias, que estava aqui ao meu lado, eu faço questão que o avaliador não conheça o Manuel Passos e nem o Jorge Dias, ele precisa analisar ou o projeto, a qualidade do projeto, a viabilidade do projeto, se ele pegar, não me

aprovar e aprovar os do Dias, eu vou parabenizar os projetos do Dias, tá? Agora, em se tratando só de avaliadores do Estado do Amazonas, isso não dá certo, não é justo! Porque, às vezes, fulano conhece ciclano, que conhece beltrano, que facilita certas situações, só pra vocês terem uma ideia, pra mim, até finalizar minha fala aqui, vejam bem, eu sou testemunha ocular, inclusive, de pessoas que participaram, já de avaliação de projetos e editais, aqui no Estado, que ele me disse: “- Olha, eu lasquei o fulano de tal, porque eu não ia com a cara dele”. Aí eu disse assim: “- Você não devia ter feito isso”. A pessoa disse: “- Mas eu fiz”. Entenderam? Então, eu vou continuar, eu vou continuar, todas as vezes, que eu vim às reuniões, e se abordar esse assunto, vou continuar a defender que os avaliadores, devem ser pessoas colhidas, não só dos Estados Amazônicos, mas de uma forma mista, como bem falou ali a Dra.

Luciane - Obrigado pela contribuição, eu vou pedir pra mesa passar o próximo slide.

Mencius – Pronto! A história não conhece a nossa estrada, Opa! Não, você falou, agora eu preciso falar, quer dar o microfone pra ele? Porque se ele não terminou de falar, eu não tenho como, ele tá me questionando, e quem tá online não tá ouvindo, eu tô chamando, eu tô sendo interrompido, e isso é ruim pra fala, porque você perde além de raciocínio, estamos sem tempo, já. Não, não, não pode usar. Eu tenho, eu tenho resistência a processos de escolha mecânica, eu tenho resistência a isso, porque eu acho que o cara que não conhece a história, e a estrada de um movimento, que eu não tô falando de pessoas, eu tô falando de um movimento, eu não estou aqui representando uma pessoa, estou aqui representando um movimento musical, da cidade de Manaus, do Estado do Amazonas. Então, quando eu trago um avaliador que não conhece a história da Lauren, que não conhece a minha história, que não conhece a história do Passos, eu já estou ali, diminuindo, uma carga de potência da minha força, enquanto criador.

Agora reduzir, nivelar por baixo, a nível de compadrio, um processo enorme e fantástico como esse, é reduzir demais. Eliminei o cara porque não gostava dele, eu acho que isso pode ter acontecido, há 10, 15 anos atrás. Mas nós temos hoje, um projeto nós temos um processo, nós temos a experiência técnica, de escolher avaliadores amazonenses, que conheçam a história, e que saibam. E nós podemos ainda mais, essa questão, é privilegiar artistas que já tem história, ok? Faz um edital mestres da música, para aquela galera que já tem 20 anos de estrada, inclusive o Passos, pontuação ok. Cid Castro, Márcia Siqueira, Torrinho, agora eu não posso concordar, enquanto artista, que a gente esteja bolando, nomes da música amazonense, que não conseguem mais acessar editais.

Nós estamos velando vivos, artistas como Candinho, Inês Pereira, Cileno, Márcia Siqueira, que não ganham editais há muito tempo, e isso eu não posso concordar, porque isso é memória musical do Estado do Amazonas. Como nós vamos fazer, para inserir essas pessoas, esses grandes artistas, independente de suas matrizes ideológicas, né? Eu sei que tem gente que torce o nariz para alguns posicionamentos

políticos, e eu também torço, mas eu não posso invalidar artistas, porque eu simplesmente não concordo com a ideologia. E eu não posso apagar a memória musical do Amazonas, inviabilizando e violando artistas, como Nicolas Júnior, por exemplo, que não ganha nada!

Mas, é um grande artista, da história da música amazonense, e ainda está produzindo muito. Então eu preciso proteger esta memória, este patrimônio, é preciso professor Manoel, claro, blindar todas as escolhas, mas eu acho que as tem mecanismos hoje. É Dra. Luciane, Dra. Anne, Thiago, a gente pode controlar esse tipo de situação, para que realmente não caia no campo do compadrio, aproveite porque é o meu amigo, desafio porque é meu inimigo, eu acho que não é bem por aí, mas é isso, essa é minha contribuição.

Jôsi - Um passo também, é já que o colocaram ali, a opção de ter, acho que são 2 trabalhadores, eu poderia ter um do Amazonas e um deputado não só para a próxima, porque é que ficaria equilibrado né, não? E não, é como tava lá, escrito.

Thiago - E sim, apresentado nas reuniões setoriais, né? Nessas disputas pra classes, uma nova metodologia de avaliação desses projetos, pra gente tentar mesclar, a objetividade com a subjetividade daquela pessoa, que avalia, porque muitos dos casos, a gente tem só a subjetividade da pessoa, né? E aí a gente acaba tendo alguns problemas, que ocorreram inclusive na LPG, de pontuação muito pequena, com avaliações que não, né? Na hora de escrever, o que não eram condizentes com aquela população, que a pessoa colocou. Então o que a gente pretende fazer agora, e a gente queria contar também com a colaboração de vocês, no sentido de primeiro entender, dentro da música, quais são os critérios que vocês acham que são necessários, para que estejam nos editais. E ali, a gente listou alguns desses critérios. Não é que são todos, são só possibilidades, que aí a gente vai entender, se a gente sai das 5 ou se a gente vai usar 6, também é uma coisa, que a classe precisa indicar pra gente. E aí a gente traz essa nova metodologia, que seria a seguinte, dando um exemplo, daquilo que a gente estava conversando, por exemplo, como ficha técnica, agora o avaliador, ele não vai mais poder só te dar uma nota e justificar essa nota, ele vai precisar indicar na nota: 1,2,3,4,5... por exemplo, 2 - consta a ficha técnica, porém com informações suficientes para análise. E aí, lá na justificativa, como nós já fizemos ano passado, ele tem um mínimo de 300 caracteres, para inserir por que ele botou 2, indicando aquela questão ali.

Então, a gente sai um pouco mais dessa avaliação subjetiva, e a gente tem avaliações com um pouco mais, que valem, né? Porque o que acontece, não é só um problema aqui, tá? Estive acompanhando o Secretário na semana passada, numa reunião do fórum nacional de secretários estaduais de cultura, e esse problema de avaliação que ocorreu, entregues tanto na Paulo Gustavo, ocorreu em todo o país, pessoas copiando e colando. É, aconteceu isso, pessoas dando uma nota, e lá na justificativa, sendo outra, e isso ocorreu, inclusive, tá acontecendo judicialização em outros Estados, por conta dessas faltas.

Essas avaliações, né? Que não foram tão aperfeiçoadas, e aí o que acontece, a gente sabe quem está criando um mercado, não que 26 Estados, mais o Distrito Federal, capitais, várias pessoas, agora podendo também não ser só, como é que fala, proponentes, mas avaliadores também, né? Então a gente sabe, que se tornou um mercado grande, e que pessoas vão se inscrever aqui, pessoas daqui vão se inscrever para avaliar outros identitários. Logo, a gente queria apresentar essa nova metodologia, a gente queria saber se o que para vocês, a gente utilizaria nessa metodologia, né? É lógico, vai depender do que vocês forem escolher, ali de critérios de avaliação, a gente vai criar essas justificativas, vai colocar para apreciação da classe do conselho, aí vocês vão dar o ok pra gente.

Isso pra que a gente possa realmente colocá-las em prática, mas só pra falar pra vocês, os avaliadores, eles já entram no projeto, e eles têm que dar sempre uma justificativa, com menos de 300 caracteres, que já não é pra botar assim, bom, ok. É que a avaliação também, que não vai pra lugar nenhum, né? Então a gente vem estudando um pouco isso, pra gente tentar chegar na metade objetivo, metade subjetivo, eu acho que a gente tem um equilíbrio melhor, e umas notas mais justas, até pra quando o avaliador colocar ali um não consta, e falar uma outra coisa ali, você mesmo, proponente, vai conseguir até questionar melhor, fazer o seu recurso, foi algo também que a gente possibilitou no edital passado, todo mundo quando chegar lá, olhar suas notas, aquelas coisas que vocês estavam insatisfeitos, vocês entravam com recursos, já que vocês entravam com recurso com uma avaliação subjetiva, agora não, vocês vão saber real, o que aquele avaliador pontuou, e por que que ele contou aquilo.

É uma forma também, da gente tentar partir para avaliações mais justas, e aí eu acho que a gente elimina o que o próprio Manuel falou, acho que vai ficar claro, como ficou claro pra gente, algumas avaliações. O que nós fizemos, descredenciamos aquele avaliador, chamamos outro avaliador, pra fazer uma nova avaliação, daquele projeto. E é assim, que a gente pretende fazer também na PNAB.

Mencius - Eu pergunto uma dúvida, eu queria saber só, como é que está nosso tempo Dr.? Assim, é uma dúvida ou o tempo já exauri os 6 minutos, ok? Uns outros questionamentos porque eu quero perguntar à nossa banca jurídica, e diz respeito muito, à questão de exigências que são colocadas, dentro do processo do edital que eu participei, e é bom que com isso, a gente acaba com aquela coisa do ofensivo demais, né? O seu projeto não alcançou o mínimo pedido pelo edital, eu fiquei tão chateado com isso! Entendeu? Porque eu preenchi tudo e o cara é da Disney, que eu não consegui alcançar um mínimo... E ele poderia ter dito: - Você preencheu errado. Mas nem o mínimo eu fiz! O mínimo!

Agora assim, a minha pergunta Thiago, e é uma pergunta muito da nossa classe. Chegou a mim e foi me feita bastante, Dra. Anne, como fica e eu vou perguntar grosso modo, como me perguntaram, que é justamente pra gente ter isso em ata, respondido, a grosso modo, como me perguntaram, como é que eu vou passar um edital, como é

que eu vou apresentar o meu projeto, se na minha banda, ou se no meu trabalho solo, eu não tenho PCD's eu não tenho LGBT's eu não tenho trans, eu não tenho indígena, eu não tenho negro, o meu projeto é um projeto de mercado, né? É um projeto artístico, de mercado, não é um projeto de arte educação, entendeu? Não é um projeto de arte e inclusão, apesar de que arte, toda arte, ela é inclusiva.

Então, essa pergunta foi feita a mim por vários artistas por várias bandas, por vários artistas solo, que se sentiram eliminados, que foram eliminados, e acham que parte da eliminação, se deve a esse preenchimento de cotas, que é que muitos acreditam que validou o projeto deles, né? Olha, será que para eu passar, eu tenho que ter uma pessoa LGBT na minha banda? Será que eu tenho que ter uma pessoa obrigatoriamente, eu tenho que ter um PCD? Eu gostaria muito que isso fosse esclarecido, para que eu pudesse também, junto com a classe, discutir esse tema e claro, eu digo aqui, a gente não como conselheiro, como ser humano, eu sou a favor de todas as reparações históricas, de todas as inclusões, é que a nossa sociedade, precisa fazer, né?

Eu, como artista, levanto a bandeira, eu apoio, mas eu preciso saber aonde essa bandeira vai ser levantada, e em que momento, né? Para que não fique uma coisa incompleta também, né? Todo o tempo balançando, é bom mandar, a gente pode falar sobre a experiência dele, de fato, um número grande de proponentes foi reprovado na LPG, porque não atendeu os critérios mínimos de Acessibilidade, e quando a gente fala da sensibilidade, são várias possibilidades dentro do projeto, para incluir sim, e perceber que ele poderia incluir essas pessoas, perceberam tanto quanto participantes, por exemplo, eu não preciso ser o membro da banda, mas pode ser alguém que vai fazer alguma coisa de produção, vai ser alguém que vai fazer uma diagramação.

Ah! Vai fazer sei lá, um álbum, e é alguém que passa uma arte do álbum, é uma inclusão. Nesse sentido, como também, pessoas que vão consumir esse produto, no caso de vocês, do produto buscado. Então, o espaço que houve, sei lá, gravações, ou a execução do show, ter rampa, elevador, é ter alguém que fizesse essas ações de apoio, até mesmo alguém, que acompanhasse a pessoa, tentar fazer com que a pessoa se percebesse, e sentisse também, que é passível de acessar aquele espaço. Esse é um ponto que é muito importante, a gente debater, porque ele vai continuar na PNAB, e não foi uma ação única, acredito, que o governo federal, talvez vá fazer isso pra sempre, nas outras ações, até sentir que a gente tem uma inclusão real das pessoas, até perceberam que a gente, vê tanto que elas não são incluídas, como aqui.

Eu acredito que em todo esse salão, deve ter uma pessoa, que não se percebe com necessidade, e tem aqueles que ao invés disso, nem tá aqui. Então, é necessário que se houver situações, mas eu consigo perceber o quão difícil isso é, porque a gente nos nossos diálogos, às vezes é difícil de pensar em ferramentas de inclusão, e a gente fala sobre Estado, e a gente acha que é uma ação difícil. O governo federal

também, acho que é uma ação difícil, imagina a pessoa, o produtor cultural, que está trabalhando sozinho, individualmente nisso, eu preciso só ir buscar, só ilustrar, isso por exemplo, o projeto de um audiovisual, de um clipe, eu tinha minha banda e o produtor que eu contratei, que não tinha PCD. Eu pensei, talvez até em abril para libras, mas eu ia quebrar a mão da moça, se você colocasse ela pra fazer libra de uma música cantada em alta velocidade. Sim, então eu fiquei completamente atado, limitado, imagina tocar um rock, entendeu? Tu vais sair com um desmentido de lá, entendeu? Então, é essa a minha preocupação, são preocupações, entendeu?

Intérprete de Libras presente - Eles gostam de vários tipos de músicas, ele adora! Ele se apresentou foi na área, tá bom? Antes eles escutavam funk e ele não entendia a letra, e deixava os filhos escutar. Então, o que aconteceu, é entrada das letras que é um pouco mais pornográfica, e ele ficou sem entender. Nossa! Mas eu nunca tive acesso a letras e se nesses eventos que tivesse um intérprete de libras, será que ele não ia saber que de fato, existe letras, possibilidades, dele não poder escutar. E qual é a parte também, que as músicas no nosso Estado, aqui que são letras muito bonitas, da nossa cultura, que a comunidade surda não conhece, porque não tem o intérprete de libras, os cantores nacionais, que são maravilhosos, internacionais, também não tem.

Ah! Mas é difícil interpretar, não é! A gente é acostumado com isso, é só passar a letra pra gente, que a gente trabalha em cima dessa forma, né? Então, também aproveitando a saída esse período, que nós estamos surdos, nunca tem nem tempo é muito difícil essas questões. Encontramos essa questão da Lei da Acessibilidade, também é nova, e nós vemos, que a maioria das intérpretes, agora de 2020 mais pra frente, é que começou a ter mais que antes, a gente não via isso, e hoje nós percebemos que a música também é muito importante, que a gente sente o que de fato aquela música quer falar, mas também queremos entender a lei, pra saber qual é o significado dela.

Então, o intérprete é muito importante nisso, e os facilitadores, os intérpretes apresentam nossa conjuntura, juntamente com as imagens, essas relações, são muito importantes. Pronto! Pressionada com um bom debate, pra gente aprender! Marcelo é nosso colaborador, trabalha na Secretaria de Cultura. Então, a gente não trabalha só com intérpretes também, né?

Thiago - A gente também tem, ele com a gente aqui, e é isso mesmo, assim como a questão das cotas, também eu, não vejo que os demais artistas foram impedidos, ou seus projetos não foram contemplados, a gente vai pra uma discussão, que há muito tem na universidade, porque tinha cota. Não acredito que seja dessa forma, que as pessoas precisam entender, né? Até porque na realidade, a gente tá falando de uma política afirmativa recente, foi nesse edital, quantos outros editais? Manaus luta por conexão estrutural tem 8 anos de editais, com todo mundo podendo participar, quantas pessoas indígenas, trans, PCD's, a gente viu nesses editais, lá atrás?

Então, eu acho que é uma forma também, da gente começar a entender outros lugares, e não é que eu acho que é sobre a arte educação, é só sobre inclusão. A gente tem feito aqui debates, ontem o Alan estava aqui, no debate da comunidade, por exemplo, e disse, não é porque eu sou negro que eu não vou falar de outras músicas, de outros temas, nas minhas canções, porque eu sou indígena, que eu também não vou falar da forma como olha a cidade, eu acho que não é muito nessa pegada, de que a pessoa foi eliminada, porque ela tem ou não. Eu não acredito ser dessa forma, porque aquele não é o edital, ele é um concurso, né? Aí vence o melhor projeto, o que melhor explicou para aquele cara, que está ali, né? Avaliando, e aí as questões, estão aqui, óh, pontuação. Também está aqui, no outro lugar, uma pergunta difícil, né? Eu acho, que é esse negócio de reflexão mesmo, é muito difícil a gente bater aqui, que tem uma resposta definitiva, eu acho que não tem, acho que a gente precisa é lutar, sempre, pelas políticas públicas, ou a gente tem isso de cobrar mais, outras políticas, outros editais.

Como a galera mesmo colocou, não adianta só ter esse edital, de que forma o Estado, o município, vão apoiar outros eventos, ou outras ações, além da PNAB? O Ministério recentemente, lançou, é, acho que quase 15 editais, né? Nos últimos 19 editais, quantos desses 19 editais do Ministério da Cultura, foram lançados no ano passado, tiveram a inclusão de projetos dos Estados da Amazônia? Eu não digo nem premiados, porque premiado, aí a gente vai pra outra briga, né? Porque a gente precisa primeiro levar a demanda, voltou, por exemplo, agora não chega lá! Mano, 500 projetos do Amazonas, não passou nenhum, aí a gente vai pra outra banca, pra outra briga. Agora não teve nenhum! Pra qual briga a gente vai? Então, falando só em editais, né? Não que a gente não possa cobrar essas distâncias, a Lauren falou dos vereadores, agora, quantos de vocês conhecem o vereador e o deputado que são da comissão de cultura do município, do Estado? Vocês conhecem essas pessoas? Entendeu porque a gente costuma cobrar muito do executivo, né? Só que o executivo, ele é parte do processo, a gente precisa também cobrar do legislativo, entendeu?

Essas questões, assim que, aí eu acho que a gente, né? Eu sou fazer certo, tá? Não é que a gente vai só rapidinho. Então, a gente fecha nesses daqui, vamos fazer a minuta, já acho que ele é muito fechado, o recurso, mas eu acho, que a gente pode ir para um debate nos grupos, né? Agora falaram do fórum, eu acho que se vocês acharem que é um caminho, né? Para chegar nesses valores, ou a gente vai realmente para um questionário, para ver, ou não, a gente quer bem antes, tá? Uma semana é ok? Na próxima terça, ok? Aí é isso, aí a gente, ainda tem a escuta pública.

A gente tem um Menciús, que vai falar aqui, depois o Marcelo, e encerra a nossa escuta de hoje, são sugestões.

Menciús – Pessoal! Quero pedir a atenção de vocês! O nosso pró-labore é diminuto, também não sustenta a nossa luta, né? Como conselheiro, cargo público, inclusive, são R\$450,00 né? E a gente está construindo toda uma agenda, a gente está

construindo, se Deus quiser, uma revolução na música amazonense, e eu não posso participar, assim como os outros conselheiros, também não, em suas respectivas áreas. E a gente está tentando sempre sensibilizar todas as classes, no caso aqui, a música, pessoal do audiovisual, que o Pedro também não pode participar com o seu produto. Mas ele vive disso, né? O Pedro Cacheado vive disso, e ele não pode participar. Então, ele pediu para que eu pedisse a vocês, em meu nome, porque ele também vai pedir para classe dele, todos os conselheiros vão pedir, também, que talvez... Eu queria só comunicar isso a vocês, que a gente tem essa vontade, enquanto conselheiro, de participar dos editais, porque afinal de contas, a gente está construindo isso, e a gente vai ficar de fora?! Entendeu?! E assim, não seremos avaliadores, não teremos nem peso a mais, nenhum peso menos, seremos concorrentes, como qualquer um, até porque os avaliadores, como a gente já discutiu aqui, terão a visão e a orientação técnica, jurídica, desse corpo competente, que nos reúne aqui, que é a Dra. Anne, Dra. Luciane e o próprio Thiago. Muito obrigado, gente! Valeu.

Luciane – explica que o Conselho é o Gestor do Fundo, por isso que há o impedimento na legislação. Mas esclarece que o pedido foi enviado para a Procuradoria do Estado, e em breve teremos a devolutiva disso. Em seguida, passa a palavra para o representante do escritório do Ministério da Cultura no Amazonas, Sr. Marcelo Dias, presente na reunião.

Senhoras e senhores, sou Marcelo dias do escritório de apresentação do Ministério da cultura, é a gente vai tomar uma postura diferente, a partir de agora vamos mais ouvir até para entendermos melhor o que vocês estão passando é um processo, eu sei que vocês estão loucos para ir embora mas vou falar de 4 pontos importantes: primeira das ações afirmativas é um processo muito recente, ele às vezes crescia mas ele é um processo importante de resgate até histórico, que iniciou em 2019, mas a instrução normativa número 10 só foi estabelecida muito tempo depois, até agora em que chegou lá com a gente, me lembro agora que quando colocaram os índios e os negros em uma única categoria, isso criou a setorial que embolou todo o processo. Durante a conferência a gente conseguiu um pouco perceber isso aí, e é importante que saibamos que uma coisa não é igual a outra, pois as demandas das mulheres, as demandas da comunidade LGBT, as demandas do povo preto e as demandas dos povos indígenas muita das vezes são diferentes e não podemos colocar na mesma setorial três minorias com demandas tão específicas. Então, é importante lembrar para vocês e eu sei que isso aí não faz parte exatamente da música, mas faz parte da composição e da pontuação e estruturação de todos os editais, por exemplo, participei da seleção dos servidores para entrar nessa nova composição do MinC, então fui a maior nota na região norte, seguindo os critérios do edital. Nesse sentido, estou aqui para ajudar e estamos montando uma estruturação do escritório, que vai ter junto com a gente os Pontos de Cultura e o Comitê de Cultura. Nós vamos estruturar independentemente se for aprovado pela Secretaria e pelos Conselheiros, vamos trazer de volta a casa da dança e da música, trazendo um feedback para vocês

porque no ativo 40 da instrução do escritório tem duas premissas que são a articulação, por isso estamos aqui para ouvir vocês, vi que tem muita gente nova aqui e reconheci algumas pessoas mas boa parte eu não conheço por isso que eu vou fazer essa abordagem aqui para vocês entenderem um pouco mais e nós vamos estruturar a articulação como eu acabei de falar e as e o segundo passo nós vamos identificar a estruturação de aparatos culturais para devolver para a sociedade independente de nós indo para lá ou não nós vamos fazer essa identificação se for da vontade do Conselho e da Secretaria de Cultura, lembrando que um ponto muito importante aqui é uma política do Governo Federal e às vezes não é lembrado isso, mas é uma política nossa do Governo Federal e nos autos de executante o governo do estado e os municípios, então, é importante lembrar colocamos 5 bilhões de reais no mercado no ano passado e este ano entre Lei Paulo Gustavo e PNAB, então nos 5.525 municípios e aí nós vamos fazer essa identificação porque eu não sei quem falou aqui mas assim falando especificamente da música por isso que eu vou falar sobre esse assunto, eu entendo que existe um mercado forte da música, mas acho que ela também falou sobre isso quantos são a mensuração ela fica por meio do caminho e aí o comandante falou lá atrás que não quero cadastro, mas, o cadastro é importante porque a gente mensura quantifica e qualifica e isso é transformado nos recursos, que vem para vocês. Primeiro ponto não faça o cadastro, eu vou fazer uma propaganda nossa assim como o cadastro do parceiro executante aqui, que é o estado, vocês fazem o cadastro do governo federal no site mapas.cultura.gov.br, o que também entende um outro viés até para fazer essa fruição e o mapas eu acho que em setembro o nosso sistema municipal o nosso sistema profissional de cultura vai estar aqui eu acho que já tem até uma conversa não sei se foi com a Anne ou com a Lu vai ter 1 intervenção (?) para gente unificar esse cadastro e virar um cadastro nacional igual como está sendo CPF. Uma hora eu não sei se o mapa avança ou eu inclusive houve um comentário, que o governo do estado tem um cadastro muito bom que o Apollo levou lá em Brasília, mas é muito complexo, também vamos ver esse comentário, que tem muitos itens e a gente tem a questão de plano, entendo muito essa parte de informática para entender bem de protocolo de Transmissão de Banco de dados não é, que é um integrador de informação e vai tentar simplificar 12 estados e o recebimento do governo federal. O Governo Federal repassa os recursos para os estados e os municípios onde houve os cadastros, então para a gente até simplificar ou melhorar esses instrumentos. Voltando a falar da Casa da Música é um instrumento de articulação que nós temos, somos o escritório do Ministério e nós vamos apesar de entender que vocês existem, vocês estão nos bares e nos festivais, mas a gente não entende a cadeia como um todo conversamos inclusive na oitavas, que o governo do estado faz a formação, mas o meio como é que fica e depois a universidade como é que ela recebe, então a gente vai fazer desde o início né com ou sem a ajuda do estado, com ou sem negativa e a gente também está com a tratativa com o próprio governo federal porque também aí eu queria falar para Lu e pra Anne, que o governo federal não podia defender um aí eu também fui procurar como defender né a nossa proposta o governo federal não pode defender um outro aparato que não seja o nosso federal. Então, não posso defender o estado que eu

não tenho domínio sobre o estado e muito menos sobre os municípios, eu só posso fazer defesa porque eu sou um ente federal. Neste momento o representante do MinC destacou a importância da recuperação, uso social e cultural de construções que tem importância histórica nos municípios do estado, ele citou o exemplo do prédio da Biblioteca de Humaitá, deste município vieram três políticos que governaram o estado do Amazonas, este é um espaço que pode atender os objetivos de se criar lugares de troca de experiências entre os artistas e poder público. A Casa da Arte e da Música foi o antigo Porto de escravo negreiro, fica na Praça da Saudade, a Anne ela pode falar muito bem depois sobre isso, nós vamos fazer lá um podcast, vamos fazer um estúdio de gravação, nós vamos fazer a formação, a criação e também vamos receber se der certo ou a formação que vai ser feita no plano, que é do governo do estado e a gente vai pegar um meio e depois vamos entregar para a própria universidade fazer a formatação final, que é uma parte técnica de certificação, que ainda não há essa certificação completa, então vamos pegar a cadeia inteira da música e entregar para a sociedade, fora recuperar uma praça cultural que se não recuperar ele vai ruir, por fim é nosso sistema é a nossa não de cultura ele tá ele vai ser formatado também vai ser em setembro aqui em setembro vai ser um mês causa cada luz e aí a gente está estruturando a gente é esses elementos que já foi conferência fundo está aqui sendo estabelecido é Secretaria independente também, de já termos aqui, o diálogo. Mas assim, tem alguns elementos que estamos terminando e aí é importante, mas aí eu fico muito feliz, aqui Loaren, aqui é uma ação do conselho, então é uma participação do próprio fundo do conselho, então a gente começa a ver esses elementos do sistema nacional e do sistema estadual. Em breve até essa metodologia se Deus quiser, de editais, talvez não seja preponderante, porque vai ser uma transferência de fundo a fundo. E aí vai surgir outras mecânicas que vocês têm que aprender e aí eu queria com outro segundo ponto de atenção e lembrando apesar de ser um concurso mas nós temos uma legislação que era 866 passou pra 13.000 mudou os critérios tem alguns valores a lei da PNAB ela é preponderante lei ou a PNAB inteira é importante que vocês entenderam a pena ela tem alguns critérios lá que não pode ser ultrapassada pelo entes a gente está estabelecendo podem, eu tô de férias à noite mas estou aqui não peço perdão de ter vindo ontem né essa mas é ontem realmente eu não consegui vir eu tô, mas, eu tô acompanhando quem te faz um relatório sou eu então é vou acompanhar todas as escutas todas as notícias dos municípios do interior aqui da capital é até existe isso do escritório a gente faz essas entregas, então, eu tô estabelecendo isso contato visual com vocês pra vocês saberem não que é uma série que é um escritório pra que vocês também têm um canal de comunicação com a gente que é o fala tem um escritório caso tenha alguma coisa saia do da do cotidiano da rotina não contra o intrigas que são é maldosos gatos que aparece do nada seguir PJ que que são fantasmas e dentre outros milhões de execução vão citar aqui, então, é um contato que a gente está estabelecendo com todas as classes para vocês entenderem como são os processos cliente a Entes sistema nacional sistema estadual sistema municipal o que estão fazendo e o que pretendemos estabelecer com vocês obrigado com fome com frio obrigado tá gente obrigada Marcela pra contribuição é fotógrafa cadê a nossa fotógrafa linda maravilhosa

Luciane – E reforçar que busquem o cadastro, pois escutamos aqui que muitos de vocês ainda não conhecem o processo de seleção, que não elaboraram os seus portfólios, mas, se faz necessário que vocês entrem no site de cadastro para fazer a leitura do edital para verificar quais são os documentos necessários para fazerem suas inscrições no processo. É de fundamental importância que todos vocês participem. Agora vamos fazer nossa foto e concluirmos aqui a nossa escuta e não esqueçam que o nosso Instagram nas redes sociais da Secretaria tem o link com o QR Code da pesquisa que estamos fazendo juntas as categorias de artistas e queremos ouvi-los neste momento.

Esta ata, foi produzida pela inteligência artificial do programa de word da Microsoft, revisada em pontuação e palavras incompreensíveis por Luiza Angélica Oliveira Guglielmini, com o auxílio de Pedro Marcos Mansour Andes.

Parintins, 17 de junho de 2024.